

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS - GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

JOSELÉIA GRACIANO DA SILVA

ESTUDO DO MARCADOR ‘puta’: Uma análise enunciativa na perspectiva
da TOPE

CÁCERES, MT

2020

JOSELÉIA GRACIANO DA SILVA

ESTUDO DO MARCADOR ‘puta’: Uma análise enunciativa na perspectiva da
TOPE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós - Graduação em Linguística
da Universidade do Estado de Mato Grosso,
como requisito final para obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Orientador: Dr. Marcos Luiz Cumpri

CÁCERES, MT

2020

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037.

S586e	SILVA, Joseléia Graciano da. Estudo do Marcador 'puta': Uma análise Enunciativa na Perspectiva da TOPE / Joseléia Graciano da Silva - Cáceres, 2020 72f.; 30cm. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/ Mestrado) – Curso de Pós Graduação <i>Stricto Sensu</i> (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Orientador: Marcos Luiz Cumpri. 1. Marcador Puta. 2. Enunciação. 3. Valor. 4. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. I. Joseléia Graciano da Silva. II. Estudo do Marcador 'puta': Uma Análise Enunciativa na Perspectiva da TOPE. Cdu: 81'373.614
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

JOSELÉIA GRACIANO DA SILVA

ESTUDO DO MARCADOR ‘puta’: Uma análise enunciativa na perspectiva da TOPE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Cáceres, 03 de março de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Marcos Luiz Cumpri
Orientador -PPGL/UNEMAT

Dra. Márcia Romero
UNIFESP

Dr. Albano Dalla Pria
UNEMAT

CÁCERES, MT

2020

Porque não é pela via da linguagem que hei de transmitir o que em mim existe. O que existe em mim não há palavra que o diga. (Sant-Exupéry)

A Deus, por ser minha fortaleza nesse meu percurso de estudos e em todos os momentos de minha vida.

À minha mãe, Ivanir Graciano da Silva, pela força, pelos conselhos, e principalmente, pelo amor comigo e com meus filhos.

Ao meu pai, Alcides Ferreira da Silva, que se mostrou um verdadeiro herói ao longo desses dois anos, me incentivando, apoiando e sendo um avô maravilhoso.

Às razões da minha existência, João Lucas, Pedro Leonardo e minha pequena Isabelly, pelo amor incondicional, pelos beijinhos e abraços nas horas difíceis.

Aos meus irmãos.

A todos os meus familiares.

Ao Adriano, pela paciência, incentivo e compreensão.

A todos os meus queridos alunos, digo-lhes que vocês são especiais, sempre os guardarei no coração.

A todos aqueles que já tiveram ou tenham muitas dificuldades no percurso acadêmico e na vida. Acreditem, apesar de todas as dificuldades, chegaremos à vitória, basta crer e não deixar de lutar, afinal, a realização de um sonho requer sacrifícios e renúncias. Na vida, nada é fácil, e, para alcançarmos nossos objetivos, há batalhas, há barreiras. Muitas vezes, as barreiras somos nós mesmos, mas não devemos nos abater ou sequer cogitar em recuar: no fim tudo se encaixa, tudo se ajusta. Aquilo que é para ser seu ninguém pode

impedir jamais, é só buscar, se esforçar e ter bom ânimo que o resto Deus faz.

AGRADECIMENTOS

Dando graça constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. (Efésios 5:20)

Sou grata a Deus, por sua bondade e misericórdia infinita para comigo permitindo-me concluir esse trabalho.

À minha família, por ser meu alicerce, minha base, meu ponto de partida e de chegada.

Aos meus filhos, minhas fontes inesgotáveis de amor e carinho.

Ao meu orientador, Dr. Marcos Luiz Cumpri, por me receber e me acolher nos estudos enunciativos e predicativos culiolianos; por compreender minhas dificuldades e limitações. Agradeço pela paciência, pelo carinho e pelo respeito. E, principalmente, pela colaboração nessa trajetória de pesquisadora “iniciante”; prometo me tornar uma pesquisadora de nível “avançado”.

Ao queridíssimo professor, Albano Dalla Pria, pelo carinho, por me “adotar” e me tratar como orientanda nos momentos de ausência do meu orientador. E, principalmente, pelas riquíssimas contribuições no meu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal. Não encontro palavras para agradecê-lo.

Ao professor Serafim, que com paciência e carinho fez despertar em mim o gosto pela linguagem. Eu estava apenas na quarta série do ensino fundamental e, desde então, soube que queria ser professora graduada em Letras, assim como ele é.

Ao professor Dr. Albano Dalla Pria e à professora Dra. Márcia Romero, pelas contribuições para a escrita e pela participação na qualificação e defesa desse trabalho.

Ao Adriano pelo companheirismo e paciência, que só não fez o trabalho por mim, porque prefere as ciências exatas, contudo cuidou de todos os detalhes para eu pudesse concluí-lo.

Aos meus amigos, em especial a Fátima Grazielle e a Marta de Paula, pelas dicas, apoio, incentivos, alegrias, sonhos e aventuras compartilhadas.

À Frann pela ajuda e suporte técnico em informática, pela inserção do sumário e por ser essa pessoa maravilhosa.

Aos meus amigos da escola Estadual João de Campos Widal.

A todos aqueles que acreditaram em mim, obrigada!

À UNEMAT, a universidade que me acolhe desde a graduação.

[não se pode] simplificar a atividade de linguagem reduzindo a linguagem a um instrumento, a enunciação à troca de informações unívocas, estabilizadas e calibradas entre dois sujeitos que seriam pré-ajustados para que a troca seja êxito sem interrupções e sem falhas.

(CULIOLI)

Nada garante que o que é dito esgota o querer dizer que se revela apenas ao fio do discurso, entre hesitações, confusões, retomadas, reformulações e explicitações.

(PAILLARD)

Se for inegável que o homem sempre buscou compreender e conhecer o universo do qual faz parte, também é inegável que a língua é o tesouro (e aqui não falamos apenas de léxico) inegável oriundo desse trabalho de busca.

(CUMPRI)

RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa Estudos dos Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), tem a pretensão de mostrar como se organiza o domínio nocional do marcador 'puta', no português do Brasil, a partir da criação de um campo metalinguístico de análise, sob a égide da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). O referencial teórico mais robusto está nos três tomos de Culioli (1990, 1999a, 1999b), que endossam os conceitos (i) de operações como invariantes que regulam a atividade de linguagem, (ii) de noção como o feixe de propriedades híbridas por dependerem do cultural, do psíquico e do material e (iii) de enunciado como o espaço genuíno da articulação entre Línguas e Linguagem, das operações cognitivas do homem e da estabilização temporária do sentido. Enquanto uma unidade da língua, 'puta' tanto define (como substantivo) quanto funciona como um qualificador (um adjetivo). Porém, entre uma variação e outra há um invariante (relação primitiva) que sustenta cada particularidade de ocorrência, e é essa invariância que queremos alcançar a partir da atividade da linguagem, dos valores provisoriamente estabilizados e das subjetivações possíveis. O material de análise é composto por enunciados coletados no site Corpus do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>). Como critério de seleção, recorreremos aos enunciados em que 'puta' já está estabilizado ou como substantivo pejorativo e como adjetivo hiperbolizante. Assim, além de percebermos que o valor de puta, obviamente, depende do cotexto e do contexto, notamos que ele é constantemente (re)construído pela enunciação e pelo empírico com uma orientação mais ou menos fixa de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Marcador puta; Enunciação; Valor; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

ABSTRACT

This work is inscribed in the research line of Signification Processes of the Postgraduate Program in Linguistics of the University of the State of Mato Grosso (Brazil). It intends to show how the notional domain of 'puta' (whore in English) is organized in Brazilian Portuguese, from the creation of a metalinguistic field of analysis, in the aegis of Theory of Predictive and Enunciative Operations (TOPE). The most robust theoretical reference is in the three volumes of Culioli (1990, 1999a, 1999b) that endorse (i) the concept of operations as invariants that regulate language activity, (ii) the notion as the beam of hybrid properties because they depend cultural, psychic and material, and (iii) that of enunciation as the genuine space of articulation between natural Languages and Language, the cognitive operations of man and the temporary stabilization of meaning. As a unit of Language, 'Putá' is both defined as a noun and an adjective. However, between one variation and another there is an invariant (primitive relation) that sustains each particularity of occurrence and it is this invariance that we want to achieve from the language activity, the tentatively stabilized values and the possible subjectivities. The material of analysis is composed of statements collected in the website <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. As a selection criterion we picked up statements in which ones 'puta' is already stabilized as a pejorative noun or as a hyperbolizing adjective. Thus, in addition to perceiving that the value of 'puta' obviously depends on the cotext and context, we notice that it is constantly (re) constructed by the enunciation and by the empirical with a more or less fixed orientation of meaning.

KEYWORDS: Mark 'puta'; Enunciation; Value; Theory of Predictive and Enunciative Operations

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
2 A TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM	16
2.1 A Linguagem na Perspectiva de Piaget e Benveniste: Breves Considerações	18
2.2 A Linguagem em Culioli	20
2.3 Léxico e Gramática: Determinados Momentos Exigem Palavras Apropriadas	21
2.4 Línguas e Linguagem: A Articulação para o Sentido.....	24
2.4.1 A Diferenciação no Processo de Representação: Nível 1, Nível 2 E Nível 3	26
2.5 A Atividade Epilinguística	27
2.6 Representar, Referenciar E Regular: Tudo para Significar	28
2.7 Sujeito, Enunciado, Enunciação e Sentido, na Perspectiva Enunciativa Culioliana	30
2.8 Categorização Zero	32
2.8.1 Domínio Nocial, Aspecto e Modalidade: Construindo Categorias Gramaticais	33
2.8.2 Noção.....	33
2.8.2 Domínio Nocial	34
2.8.3 Aspecto	35
2.8.6 Glosa e Paráfrase: As Possibilidades ee Formulações e Reformulações do Dizer.....	39
3 ESTUDO DO MARCADOR ‘PUTA’ TOMADO ENQUANTO “TABU” E ENQUANTO CLASSE GRAMATICAL POR GRAMÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	42
3.1 O Marcador ‘Putá’ Enquanto Tabu: Uma Parada para Reflexão	42
3.2 De Substantivo e Adjetivo a Marcador: Algumas Considerações.....	46
4 CONSTRUINDO A ANÁLISE	52
5 ALGUMAS OCORRÊNCIAS E ALGUNS CONTEXTOS POSSÍVEIS PARA O MARCADOR ‘PUTA’: UM SEGUNDO MOMENTO PARA ANÁLISES	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho nasceu da mesma curiosidade que acossa a Semântica Geral: a de saber como são estabelecidas as significações nas línguas naturais. Num primeiro momento, e ainda fortemente influenciados pela Semântica Lexical, tínhamos como problema de pesquisa que determinadas unidades da língua portuguesa tendiam ao que aquela considera um fenômeno de polissemia. Porém, no contato com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)¹, entendemos que essa plurissignificação é inevitável a qualquer unidade, o que confronta o próprio conceito clássico de Polissemia (cf. Ulmann, 1977).

É com base no cenário anterior que o intento de um estudo acerca do marcador² ‘puta’³ ganhou fôlego em nosso projeto de mestrado, iniciado em 2018. Como ponto de partida, propomos a investigação do seu deslizamento semântico que vai de uma propriedade pejorativa consagrada, em que temos <puta - ser - prostituta> (como em Maria Madalena foi considerada puta em sua época) até uma propriedade oriunda de ocorrências razoavelmente estabilizadas dentro do domínio daquilo que pode ser hiperbolizante, em que temos <puta - ser - algo muito bom> (como em Clarice Lispector foi uma puta escritora). A escolha do marcador ‘puta’ justificou-se pela instabilidade de sentido, sobretudo porque o marcador passa de um valor a outro, muitas vezes, apenas pela posição em que ocupa no enunciado.

Além disso, outro motivo que nos levou a estudar o marcador ‘puta’ é o fato desta unidade linguística ainda ser considerado “tabu”, e, conseqüentemente, ser pouco estudada. Cientes das poucas pesquisas sobre o marcador ‘puta’ decidimos que seguir com nosso estudo poderia ser algo inovador e desafiador, se tratando de pesquisa em TOPE e, assim, poderia resultar num trabalho interessante, além de desmistificador já que o marcador ‘puta’ faz parte do nosso léxico e é comumente utilizado, principalmente, em contextos de interatividade entre pessoas, tais quais, em situação de diálogo, em postagens nas redes sociais. E, ressalte-se que, nem sempre a utilização desta unidade da língua tem como pretensão remeter à características ofensivas/ pejorativas as quais estamos acostumados a associar.

Para a elaboração e a organização do referencial teórico-metodológico, partimos do princípio da construção representativa da atividade languageira, tal como propõe Culioli (1999a). Desse modo, os sentidos das unidades lexicais não seriam dados, mas construídos a

¹ Em alguns momentos, neste trabalho, usaremos a sigla TOPE para nos referirmos a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli.

² Na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, chamamos de *marcador* toda unidade responsável por gerar a significação através de diferentes ocorrências engendradas.

³ Neste trabalho, nosso objeto de estudo, o marcador puta, será grafado entre aspas simples: ‘puta’.

partir dos seus agenciamentos textuais, que, por sua vez, trazem à tona as operações subjetivas constitutivas dos sentidos.

O conceito de Linguagem que aqui trouxemos é revelador para a Semântica porque a entende como atividade de constituição do homem, portanto, sempre em movimento. E a construção dos sentidos é estabelecida na articulação da linguagem com as línguas naturais de modo plástico e dinâmico.

Analisar ‘puta’ enquanto marcador significou admitir que as unidades da língua, independentemente de suas categorias gramaticais, deixam marcas, nos textos, das operações de linguagem, sendo que os sentidos dessas marcas são construídos pelo enunciado. Conforme Rezende (2014), trabalhamos com o conceito de linguagem enquanto trabalho ou atividade que garante aos sujeitos a liberdade de que necessitam tanto para se expressar e se significar como para a reconstrução do mundo que o envolve. Portanto, refletir sobre a linguagem requer propor uma dimensão teórica e invisível que trabalha com hipóteses e experimentação. Contudo, para experimentar e vivenciar essa dimensão, é preciso o contato, a experiência dos sujeitos com ela. Culioli (1990, 1999a, 1999b) institui que os sentidos são construídos a partir de capacidades constitutivas da linguagem que são inatas a todos os sujeitos. Para o autor, os sentidos dos textos não são exteriores à língua e se constituem através de reformulações, deformações e circulação, sendo a alteração a responsável por lhe dar contorno.

No processo de interação, a cada forma de expressão constroem-se novas experiências. Daí, inserem-se os conceitos de “glosa” e “paráfrase” as primeiras, grosso modo, são reformulações espontâneas, enquanto as últimas são modulações feitas e controladas pelo linguista. Portanto, tomamos a enunciação enquanto maneira pela qual um enunciado ganha forma e se estabelece numa relação espaço-temporal por meio de um plano experiencial dos sujeitos enunciadorees que constroem os sentidos da língua num movimento de diálogo intrassubjetivo, anterior à exteriorização das formas, haja vista que na TOPE o sujeito é operatório porque é quem relaciona unidades, e, com isso, não só as unidades, mas também os sujeitos se transformam.

Com base nesses preceitos, analisamos enunciados coletados no *Corpus do Português*⁴, e, como critério de seleção, recorreremos aos enunciados em que o marcador ‘puta’ já estava

⁴ O site *Corpus do Português* disponibiliza ferramentas de verificação das fontes, o que possibilitou nossa pesquisa. Esse banco de dados foi idealizado pelo professor Mark Davies e financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015) e compõe a coleção *corpora* da BYU. O *Corpus do Português* conta com duas plataformas de dados: uma histórica, com aproximadamente 45 milhões de palavras, e outra, de páginas da *web* com cerca de um bilhão de vocábulos. A versão *web* disponibiliza textos de quatro países de língua portuguesa

estabilizado como nome pejorativo ou como qualificativo. Produzimos, a partir deles, enunciados equivalentes (atividade de glosagem), para trazermos à tona as operações e as relações que subjaziam aos sentidos minimamente estáveis que sustentavam o domínio nocional de ‘puta’.

Buscamos desvendar os princípios que levavam à passagem de um agenciamento a outro e explicitar os valores referenciais equivalentes acarretados por estes agenciamentos particulares, como propõe Culioli (1999a). Tomamos como orientação a indeterminação da linguagem (que é constitutiva e da qual resultam a produção e o reconhecimento de textos), a articulação léxico e gramática e a inclusão do sujeito. A inclusão do sujeito, grosso modo, é a variação experiencial e subjetiva que, embora se organize de distintos modos, se regula segundo um conjunto de operações e esquemas (raciocínios) que subjazem a toda e qualquer atividade linguageira. Na TOPE, a língua não é uma entidade estática e não articulatória; nesse viés, o trabalho dos sujeitos enquanto sujeitos de linguagem é importante, pois a indeterminação é, segundo Rezende (2014), original do homem e “o impulsiona para a ação, para o movimento, para o diferente, para o outro (animado ou inanimado) na busca de definição de si próprio”, sendo que:

[...] o outro (o diferente, aquilo que se opõe) é constitutivo dessa organização. Essa **indeterminação, definição ou identidade do homem são construídas por meio de sucessivos diálogos internos** (consigo próprio) e **externos** (com o outro)”. (REZENDE, 2014, p. 87, grifos nossos).

Nessa direção, concebemos o marcador ‘puta’ enquanto gerador de valores emergidos a partir de operações de atividade de linguagem em enunciados e como localizador abstrato de um conteúdo predicativo em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo e no espaço. Observamos algumas ocorrências do marcador ‘puta’ em contextos distintos, em que a palavra puta se abriu para outros sentidos que vão além de qualificativo ou pejorativo, como propomos analisar nesse trabalho. O destaque ficou para a função de qualificador que o aproxima da noção <ser bravo (a)>, como em: Joana ficou puta com o valor que recebeu de indenização e para a noção <puta> em dadas circunstâncias em que sofre variações e passa a ser *putz*, (“Putá que pariu”) funcionando como interjeição, (*Putz*, que de dor de cabeça.)

Para dar conta dessa análise, a dissertação está organizada em cinco seções, sendo a primeira seção a apresentação.

(Brasil, Portugal, Angola, Moçambique). Para efeito de esclarecimento, ressaltamos que nosso corpus é constituído apenas de ocorrências em língua portuguesa do Brasil.

Na segunda seção, intitulada “A transformação da Linguagem”, trazemos uma reflexão acerca da busca da definição de linguagem, debate que perdura há séculos. Após essa ponderação, foram abordados conceitos de linguagem trazidos por estudiosos que não estão ancorados pela perspectiva enunciativa, como Sapir e Hall. Além disso, abordamos três concepções de linguagem, a saber: “A linguagem como expressão do pensamento”, “a linguagem como instrumento de comunicação” e “a linguagem como forma de interação”. Também trouxemos uma reflexão acerca da linguagem em Piaget e Benveniste para então chegarmos à ideia de uma linguagem articulada às Línguas Naturais e aos conceitos-chaves da TOPE, como por exemplo, glosa e paráfrase (processos que estabelecem a polissemia na TOPE), tais quais propostos por Culioli (1990, 1999a, 1999b).

Na terceira seção, cujo título é “Breve estudo do marcador ‘puta’ tomado enquanto tabu e enquanto classe gramatical por gramáticas de Língua Portuguesa”, realizamos uma abordagem do marcador ‘puta’ concebido enquanto tabu. Também nessa mesma seção, tratamos das acepções de substantivo e adjetivo em estudos gramaticais. A partir das acepções trazidas pelo material por nós selecionado, estabelecemos uma relação com a TOPE, no sentido da aproximação ou mesmo do distanciamento.

A quarta seção recebe o nome de “Construindo a análise”. Nela, realizamos o estudo dos enunciados em que o marcador ‘puta’ se faz presente, e a partir deles realizamos o levantamento de hipóteses e construções de paráfrases e glosas proliferadas num trabalho de formulação e reformulação dos enunciados origem para apreendermos o que torna cada ocorrência do marcador ‘puta’ ser específica ou singular. Para isso, tomamos o marcador ‘puta’ minimamente estabilizado como nome e como qualificador hiperbolizante, dentro daquilo que a Gramática Tradicional classifica como substantivo e adjetivo, e observamos a partir das ocorrências do mesmo a proliferação de sentidos que foram construídos no processo de enunciação. Tais proliferações puderam ser observadas tanto por meio das operações de qualificação e quantificação (extração, flechagem e varredura), como também por meio das categorias de modalidades e aspecto.

A quinta seção recebe o nome “Algumas ocorrências e alguns contextos possíveis para o marcador ‘puta’: um segundo momento para análises”. Nela realizamos o estudo do marcador ‘puta’ em contextos distintos, em que o vocábulo *puta* se abre para outros sentidos que vão além das estabilizações alcançadas na seção anterior.

Com esse trabalho analítico, buscamos redimensionar o marcador ‘puta’ com a finalidade de trazer à tona as operações que resultam na proliferação dos sentidos, assim como

as operações que os estabilizam. Para isso, moldamos os dados, embasados na teoria culioliana, para observarmos os sentidos proliferados e intuídos a partir do marcador 'puta'. Tivemos como motivação o fato de que a linguagem, dada sua plasticidade e dinamismo, possibilita a instabilidade dos sentidos, resultando na atividade de reconstrução e reconhecimento das formas por meio dos/nos textos.

2 A TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM

Nosso propósito, neste capítulo, é o de conceituar, ainda que sumariamente, linguagem, a fim de melhor expor como o referencial teórico por nós adotado, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas a aborda em sua relação com as línguas. Por essa razão, trouxemos alguns dos teóricos que mais se dedicaram a isso. Começamos pelos que não estão ancorados pela perspectiva enunciativista.

Sapir diz que “a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem idéias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos.” (SAPIR, 1929, *apud* LYONS, 2009). Em Hall (1968), temos que “a linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.” (HALL, 1968, *apud* LYONS, 2009).

Numa primeira observação, percebemos que Sapir e Hall compartilham da ideia de que a linguagem é uma instituição. Para ambos, a linguagem é instrumento de comunicação e se emparelha ao conceito de língua. É parte de uma determinada sociedade e, conseqüentemente, parte da cultura desta sociedade. Outro fato que merece atenção encontra-se na expressão “habitualmente utilizados”, de Hall. Parece-nos que as razões de uso são históricas, devido à grande influência da psicologia da linguagem na linguística, em especial nos Estados Unidos, pelas teorias do estímulo e resposta, o Behaviorismo de Skinner. Segundo essa teoria “o comportamento é a resposta dada por um determinado organismo a um fator externo que o estimule, cuja resposta pode ser sempre observada, descrita e quantificada.” (FINGER, 2008, p.19).

Definir linguagem é uma tarefa complexa, pois ela é vista de maneira diferente de acordo, por exemplo, com a época e a finalidade com que é empregada. Por essa razão, buscaremos apenas conceituar as três formas de pensar a linguagem: “a linguagem como expressão do pensamento”; “a linguagem como instrumento de comunicação” e “linguagem como forma de interação”, como propôs Geraldí (1984), para quem “cada momento social e histórico demanda uma percepção de língua, de mundo, de sujeito, demonstrando o caráter dinâmico da linguagem no meio social em que atua”. (FUZA; OHUSCHI E MENEGASSI, 2011, p.479).

Tanto Finger (2008) quanto Menegassi (2011) atribuem à linguagem um caráter de cunho instrumental.

A concepção de “linguagem como expressão do pensamento”, segundo Perfeito (2005), vem desde a tradição gramatical grega até o século XX, quando começam a surgir os preceitos estruturalistas propostos por Saussure. Sob essa perspectiva, o sujeito que não sabe se expressar não pensa. Nessa concepção de linguagem, também se expressa a distinção entre “certo” e “errado”, segundo a qual o que não está de acordo com as regras da gramática tradicional está errado, estabelecendo, uma única variedade como aceita para o indivíduo expressar-se na sociedade e ser respeitado e benquisto nesse âmbito. Nesta concepção de linguagem,

[...] as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. (TRAVAGLIA, 1996, p. 21)

Dizer, nessa concepção, implica posicionar um conteúdo de pensamento e as formas que lhe dão corpo em relação a imagem de outras posições, se considerarmos que a variação é constitutiva num espaço referencial através das formas que lhe dão corpo. Aqui a língua é sistematizada, não passando de uma variedade dita padrão ou culta, relação à qual todas as outras formas de utilização são consideradas desvio ou erro. As regras são históricas e ditadas pela lógica, de modo que a gramática é algo definitivo, absoluto.

A ideia de “linguagem como instrumento de comunicação” tem relação com os ideais propostos por Jakobson. Nessa perspectiva, a língua é vista enquanto um código, autônoma, fundamentando-se nos pressupostos do estruturalismo; ou seja, a língua no plano estrutural tem características peculiares, especialmente ao que se refere à asserção, como afirma Lyons (2009, p. 164): “o único e verdadeiro objeto da linguística é o sistema linguístico [*la langue*] focalizado nele mesmo e por ele mesmo.” Noutras palavras, “[...] **a língua é vista como um código**, ou seja, como **um conjunto de signos que se combinam segundo regras**. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22, grifos nossos).

A segunda concepção de linguagem é tida como descritiva, uma vez que faz descrição estrutural da língua, de suas formas e funções, estabelece padrões/parâmetros que se repetem no uso. Ou seja, a língua é “[...] um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos [...] permitindo associar cada expressão dessa língua a uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical” (FRANCHI, 1991, p. 54).

Na terceira e última percepção de linguagem destacada por Geraldi (1984), a da “linguagem como forma de interação”, ela se relaciona às condições para a realização do

discurso, como propõe Bakhtin (2006). Aqui a língua é o lugar de interação humana, portanto são levados em conta os contextos social, histórico e, principalmente, de relação entre os sujeitos falantes em uma conjuntura, digamos que de diálogo/interação, pois:

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo **fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.** (BAKHTIN, 2006, p. 125, grifos nossos)

Logo, nesta perspectiva de linguagem,

o indivíduo emprega a linguagem não só para expressar o pensamento ou para transmitir conhecimentos, mas também para agir, atuar sobre o outro e sobre o mundo. Ela reconhece um sujeito que é ativo em sua produção lingüística, que realiza um trabalho constante com a linguagem dos textos orais e escritos. (GERALDI, 1984. *apud.* FUZA; OHUSCHI E MENEGASSI, 2011, p. 490)

A linguagem é tida como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com as exigências da situação de interação, sendo reflexo de um contexto sócio-histórico e ideológico, e o que importa é a competência comunicativa. Nesse viés, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito. [...]”. (BENVENISTE, 2006, p.286).

2.1 A Linguagem na Perspectiva de Piaget e Benveniste: Breves Considerações

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. (Benveniste, 2005, p. 286).

A linguagem em Piaget é de cunho cognitivo e construtivista, e seus estudos vão do empirismo ao racionalismo. Segundo Ramozzi-Chiarottino (2008), em Piaget a linguagem é resultado de um processo de interação entre a unidade e o contexto, e o processo de aquisição de linguagem se dá por meio de estágios ocorridos ao longo da vida dos sujeitos, que passam por processos de construção do conhecimento. “A linguagem é constituída a partir do encontro de um funcionamento endógeno (orgânico) do ser humano com a vida social; aliás, de maneira análoga ao *conhecimento*.” (RAMOZZI – CHIAROTTINO, 2008, p. 84). Em Piaget, o social é fundamental, possibilita a experiência, e conseqüentemente a linguagem e o conhecimento, haja vista que o homem por estar inserido no meio torna-se um produto dele ao passo que o meio ao qual o homem encontra-se inserido também torna-se um produto do homem. A ação humana gera cultura e a cultura por sua vez interfere nas condições existenciais do homem.

Nesse viés, para Piaget, a linguagem não pode ser reduzida à função de comunicar pensamento, haja vista que a linguagem é constituída pela maneira que o sujeito interage/relaciona com o social, com o mundo. Esse modo de relacionar com o mundo, de acordo com ele, vai amadurecendo com as apreensões que os sujeitos vão realizando em seus contatos com o outro, de acordo com suas maturações biológicas.

Prontamente, a linguagem em Piaget é um processo constituído por etapas (estágios) e se consolida/amadurece na relação com outros sujeitos, com o social em que está inserido, ou seja, com as experiências vivenciadas pelos sujeitos.

Em Benveniste, a linguagem também é uma condição humana, podendo ser vista a partir dos movimentos enunciativos dos sujeitos, através apropriação da língua pelo sujeito no ato em que este enuncia, colocando a língua em funcionamento. Estudar a linguagem na perspectiva enunciativa benvenistiana requer considerar que a língua está posta, e que o sujeito já está inserido no mundo da linguagem, apenas apropriando-se dela no momento em que enuncia, sendo que a cada enunciação o sujeito atualiza a língua. Essa atualização ocorre na interação (intersubjetividade), em que o sujeito ora é locutor, ora é alocutário, na transferência (reversibilidade) de papéis, porque “a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de construir instâncias discretas” (BENVENISTE, 2005, p. 289).

Prontamente, em Benveniste a língua é social, concebida no seio da sociedade, pois o social é da natureza humana e da língua e essa forma de pensar a língua reflete na maneira de pensar a linguagem, ou seja, não sendo interessante tampouco conveniente ponderar sobre a linguagem como mero instrumento de comunicação.

Na perspectiva de linguagem como instrumento de comunicação, segundo Benveniste, estabelece-se oposição entre homem e natureza, fato inadmissível porque a relação homem/linguagem é intrínseca e não pode ser dissociada do social. Caso isso ocorresse, o homem estaria à margem da linguagem, já que, “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”, logo, não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”, o que temos é “um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (BENVENISTE, 2005, p.285).

Resumindo, para Benveniste a linguagem é o lugar que o homem se constitui como falante e sujeito ao tomar a língua para enunciar.

Percebemos que a linguagem, tanto em Piaget como em Benveniste, se dá a partir das interações (colocar em relação) do sujeito com outrem, com a cultura e com meio no qual está inserido. A linguagem se dá no processo de diálogo em que o sujeito, a partir de seus conhecimentos internos e apreensões do exterior “se apropria da língua”, como assevera Benveniste, para exteriorizar suas ideias e conhecimentos, e produzir significados, porque “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

2.2 A Linguagem em Culioli⁵

Para Culioli (1990, 1999a, 1999b), a linguagem é uma capacidade humana de construir representações, referenciações e regulações. Desse modo, a atividade de linguagem se constitui a partir da interatividade, do movimento, no processo constante de orientação e reorientação das noções. Daí a relação intrínseca entre linguagem, pensamento e o empírico, como ressalta Rezende (2014):

Defendemos um conceito de linguagem como interação verbal, que é isomórfico aos problemas de construção de identidade e que traz no seu âmago o diálogo entre a psicologia e a sociologia. Nesta última acepção defendida, as relações entre linguagem e pensamento e linguagem e empírico são assumidas e não se questiona, como se faz na filosofia e também na psicologia, as suas naturezas e relações. É por isso que se diz que Culioli faz uma filosofia da linguística, porque nem escamoteia essas relações fundamentais (como faz a maioria das vertentes em linguística) e nem as apresenta como um conjunto de alternativas possíveis como faz a filosofia da linguagem. (REZENDE, 2014, p.89)

Nesse sentido, a linguagem em Culioli é constituída a partir do intenso trabalho de representação, referenciação e regulação na busca do sujeito por significar, nas suas junturas entre a estabilidade e instabilidade, para que haja a articulação da linguagem com as línguas naturais. A atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas é o objeto de estudo de Culioli, que assegura:

A linguagem é uma atividade que pressupõe, ela mesma, uma eterna atividade epilinguística (definida como “atividade metalingüística não consciente”) assim como uma relação entre um molde (*a competência* tomada como, a apropriação e a propriedade obtidas a partir de um sistema de regras sobre as unidades) e sua

⁵A linguagem para Culioli é definida pela capacidade do sujeito em “representar”, “referenciar” e “regular” (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b).

efetivação (*a performance*) da qual temos rastros fônicos ou gráficos, os textos. (CULIOLI, 1999a, p. 19)⁶

Com efeito, a linguagem na perspectiva culioliana não trata de reprodução, transcrição ou decodificação, dado que aqui, a linguagem constrói os valores, e “como construções enunciativas que são, não repousam em nenhum outro elemento de estabilidade além do que a enunciação pôde construir” (DE VOGÛE; FRANCKEL; PAILLARD. 2011, p. 11). Nesta perspectiva, a linguagem é conceituada enquanto trabalho, como

esforço de aproximação de experiências e forma de expressão diversificadas; que postulamos que **a linguagem é fundamentalmente ambígua; que as expressões e representações em língua jamais estão definitivamente prontas e construídas; que é o próprio momento de interação verbal que determina ou fecha certas significações para o sujeito**, mas que simultaneamente abre e indetermina outras; que interagir verbalmente é perder-se em um labirinto ou em uma profusão de caminhos de significados possíveis, mas é exatamente nesse *égarement* que podemos eventualmente nos situar, nos encontrar, acertar. [...] (REZENDE, 2006, p. 16, grifos nossos)

2.3 Léxico e Gramática: Determinados Momentos Exigem Palavras Apropriadas

Nada é aleatório na língua, prova disso é que léxico e gramática se articulam fundamentalmente [...]. (CUMPRI, 2012, p.48).

Qualquer estudo referente à linguagem passa pelo estudo do léxico e da gramática. Cumpri (2012) propõe que, na língua, léxico e gramática se articulam fundamentalmente, de modo que qualquer alteração no campo do comutável (o que Saussure chamava de eixo paradigmático) gera alteração no campo das combinatórias (eixo sintagmático, na perspectiva saussuriana).

Léxico, grosseiramente falando, é o vocabulário de uma língua, de uma comunidade, o dicionário de uma língua ou ainda o conjunto de vocábulos empregados por um autor. Mas não é só isso: o léxico permite falar de categorias lexicais e categoriais funcionais. Já a gramática, como diz Possenti (1996), “significa o conjunto de regras”, mas o próprio autor ressalta que esse conjunto de regras pode ser “entendido de várias maneiras. Para a palavra gramática “não

⁶No original: “Le langage est une activité qui suppose, elle-même, une perpétuelle activité épilinguistique (défini comme « activité métalinguistique non consciente »), ainsi qu’ une relation entre um modele (*la compétence*, c’est-à-dire l’ appropriation et la maîtrise acquise d’un système de règles sur dès unités) et as réalisation (*la performance* don’t nous avons la trace phonique ou graphique, des texts.)” (CULIOLI, 1999a, p.19).

existe uma única concepção [...], embora essa realidade escape ao conhecimento daqueles que não estão diretamente envolvidos com os estudos da língua.” (BIASOTTO, 2012, p. 139). Partindo desse pressuposto controverso, buscaremos distinguir alguns tipos de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada.

Diz-se gramática normativa, de modo geral, o manual de regras que dita o bom uso da língua para se expressar adequadamente. Nesse contexto, dizer que alguém conhece e domina as normas gramaticais é o mesmo que dizer que o indivíduo sabe falar e escrever “bem”. Tudo o que for contrário às regras padrão é considerado agramatical, e o que concerne à língua oral é ignorado. Essa concepção gramatical é baseada em parâmetros como o purismo, vernaculidade, lógica e história, portanto, nesse viés, gramática é algo definitivo e absoluto.

Sob esse enfoque, “gramática normativa, também chamada de prescritiva, é um manual que demarca um conjunto sistemático de normas estabelecidas pelos estudiosos da língua, baseados nos escritos daqueles que são consagrados como bons escritores” (BIASOTTO, 2012, p. 139). Esse tipo de gramática trabalha com a linguagem como “expressão do pensamento”, concepção explicitada no item 2 (A transformação da Linguagem) desta seção.

A segunda percepção de gramática é conhecida como gramática descritiva e realiza a descrição da estrutura, das categorias e do funcionamento da língua. A esse tipo de gramática podemos relacionar os estudos de Saussure no âmbito da dicotomia língua e fala (*langue/parole*), assim como os estudos de Chomsky no que diz respeito a “desempenho” e “performance”.

A gramática descritiva trata “do conjunto de regras *que são* seguidas – é a que orienta o trabalho do linguista, cuja preocupação é *descrever* e/ou *explicar* as línguas tais como elas são faladas” (POSSENTI, 1996, p. 65, grifos do autor).

A terceira e última concepção de gramática que aqui abordaremos diz-se gramática internalizada. Nesta modalidade de gramática, a língua é concebida no conjunto das variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com a necessidade e a situação comunicativa em que os indivíduos estão inseridos. A gramática, então, é engajada e a noção de erro linguístico é substituída pelo conceito de inadequação à situação interativa- comunicativa. Dessa maneira, o indivíduo linguístico-social utiliza-se da língua materna de modo eficiente, como também de outras modalidades da mesma. À luz desse ponto de vista, a gramática é o:

conjunto de regras que o falante domina – refere -se a hipóteses sobre os conhecimentos que habitam o falante ao produzir frases ou seqüências de palavras de maneira tal que essas frases e seqüências são compreensíveis e reconhecidas como pertencentes a uma língua. (POSSENTI, 1996, p.69)

À parte de uma tipologia gramatical, cremos que os estudos da linguagem requerem uma profundidade que a separação entre morfologia, sintaxe e semântica jamais permitiria, porque nosso objetivo é o estudo da língua em processo de interação (enunciação, portanto). Logo, não é prescritiva nem descritiva, mas dialógica. Busca-se o que está para além da estrutura aparente e estável. Trabalham-se o implícito, os sentidos subjacentes e sempre provisórios. Daí a defesa de que a atividade de linguagem é um trabalho de construção e reconhecimento de formas, como salienta Cumpri (2012),

uma gramática realmente produtiva da língua perpassa por uma aposta radical na indeterminação da linguagem por cremos que ela é uma prática, uma capacidade pertencente a todos os seres humanos de construir símbolos, representações, processos de síntese (indução) e elaborações de análise (dedução). Nesse sentido, estudar e fazer gramática é estabelecer uma relação dialógica entre a linguagem (faculdade universal de produzir e interpretar textos por um processo de operações generalizáveis) e as línguas (sistemas de representação que têm regras próprias de organização e cujos traços são empiricamente observáveis). (CUMPRI, 2012, p. 43)

Chegamos, primeiramente, à definição no viés da Gramática Tradicional. Para efeito de esclarecimento, dizemos que Gramática Tradicional constitui o liame entre a gramática prescritiva e a gramática descritiva.

Na Gramática Tradicional, conforme Brito (2010), o léxico é formado pelos elementos da língua que fornecem o insumo para a constituição das regras de combinação propostas pela Sintaxe. Logo, a Sintaxe é considerada o elemento central para a gramática, permitindo construções (frasais) bem articuladas, enquanto a Fonologia e a Semântica são tomadas como outros componentes da gramática que desempenham papel importante nas atividades de interpretações das estruturas provenientes da Sintaxe. Ao dispor os termos (unidades do léxico) numa sequência, a sintaxe projeta uma hierarquia para eles, logo, os sentidos são prontos e acabados, não variam.

A relação entre o léxico e sintaxe possui uma função e pode ser vista sob perspectivas diversas, dado que

as línguas tem léxicos de natureza distinta, com peso diferenciado dos processos morfológicos. Saussure dividia as línguas em línguas “lexicológicas” e línguas “gramaticais”. As primeiras correspondem ao que actualmente chamaríamos línguas “analíticas”, em que as oposições distintivas em certas categorias, como o número e o género, para dar dois exemplos, são expressas por palavras completamente distintas (estão neste caso línguas como o Chinês ou o Vietnamita). Neste tipo de línguas, o Léxico tende a ser rico e numeroso, com pouco lugar para os processos morfológicos. As línguas a que Saussure chamava “gramaticais” e que correspondem ao que actualmente chamamos “sintéticas” apresentam vários subtipos morfológicos: há línguas aglutinantes (Turco), há línguas flexionais ou fusionais (Latim, Português,

Alemão), há línguas incorporantes (línguas Bantu), há línguas infixantes (Árabe). Sabemos hoje que as línguas são em geral mistas e que línguas sintéticas têm processos analíticos. (BRITO, 2010, p. 04)

Conforme Cumpri (2012), a tarefa de definir léxico é complexa. Contudo, deve-se destacar que o léxico tem de ocupar um espaço na organização da gramática, porque, além de ser a maneira de armazenar o conhecimento universal, também se relaciona com a riqueza vocabular de um povo, de uma sociedade e se configura como herança cultural abstrata. O homem, à medida que “descobre” o mundo, promove a inserção de novos conhecimentos, outros vocábulos que vão se incorporando ao léxico. Essa inserção e essa criação articulam-se aos conhecimentos de mundo dos sujeitos, suas vivências e experiências e instituem-se em signos linguísticos.

A gramática e o léxico na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas se dão na articulação das línguas naturais com a linguagem, através da formalização e da reorientação de noções. Léxico e gramática são constructos da atividade de linguagem, resultado de arranjos específicos a cada língua. Em suma, a linguagem em Culioli é regulada pelas capacidades de representação, referenciação e regulação, motivo pelo qual a gramática por nós aqui defendida opera com enunciados (orais ou escritos), de modo que nesse processo organizacional enunciativo significado e sintaxe não se desvencilham. O texto é visto como um arranjo léxico-gramatical em que os sujeitos, inseridos num contexto social, através de seus conhecimentos empíricos observam e entendem a língua como uma questão auto-organizacional e fazem uso dela de acordo com suas possibilidades, construindo valores semântico-discursivos de acordo com as diferentes ordens, como a prosódia empregada, o léxico, a morfologia, etc., que constituem a relação léxico-gramatical.

2.4 Línguas e Linguagem: A Articulação para o Sentido

A língua é uma ponte capaz de levar os sujeitos a novos espaços, a outros lugares de significância e significados. Ou seja, como estabelecemos para o ponto principal do estudo proposto nessa subseção, temos a língua significando, dado que a linguagem é “atividade de representação de significação.” (CULIOLI, 1999a).

Para Culioli, as línguas relacionam-se diretamente com a linguagem, que é o trabalho dos sujeitos de representar, referenciar e regular. Logo, “a linguagem, entendida como uma

atividade que constrói a significação” (CULIOLI, 1976, p. 07)⁷, em sua relação com as línguas naturais, permite a construção de significação por meio das línguas, uma vez que os sentidos só podem ser acessados por meio dos textos, os quais, por sua vez, são constituídos de marcadores.

O primeiro objetivo da Teoria das Operações Predicativas Enunciativas culioliana, segundo Zavaglia (2016, p. 36), “é construir representações metalinguísticas que representem de alguma forma a atividade linguageira. O modo pelo qual as línguas são adquiridas [...]”. Dessa maneira, compreendemos que a linguagem só pode ser acessada por meio de organizações textuais estabelecidas por marcadores que não se manifestam claramente, mas se apresentam de modo implícito, subjacentes.

A maneira inovadora como Culioli buscou tratar as línguas e a linguagem resulta numa nova forma de fazer Linguística. Por esse viés, a Linguística não é apenas a ciência que visa ao “estudo da linguagem” (LYONS, 2010, p. 24.), mas a ciência que busca estudar/apreender “a linguagem através da diversidade das línguas naturais” (CULIOLI, 1999a, p. 128), de modo que a construção de sentidos se dá nos textos, nas organizações textuais, sejam elas orais ou escritas,

A atividade de linguagem é o que possibilita ao sujeito tanto a produção quanto o reconhecimento de representações lingüísticas providas de significação. Essas representações são, ao mesmo tempo, produto da atividade de linguagem e caminho de acesso às operações dessa atividade. (PRIA, 2009, p. 28)

A linguagem é uma atividade que busca significar por meio da produção e do reconhecimento de formas. Estas não podem ser estudadas independentes dos textos, pois tal abordagem as tornaria categorias fixas.

O processo de reconhecimento de formas pode, de certa forma, ser resumido a uma situação de diálogo, de enunciação, em que há a interação pela linguagem, seja com outro, seja consigo mesmo, pois, “concordamos, nos ajustamos ao outro, para que nossas representações estejam acessíveis ao outro”⁸ (CULIOLI, p. 92. T3). Tal acontecimento Culioli denomina “atividade epilinguística”⁹, termo que será abordado em uma subseção específica mais adiante.

Na “atividade epilinguística”, a representação é constituída pelo léxico e pela sintaxe de uma língua, a partir dos conhecimentos de mundo do enunciador e do co-enunciador, que, ao

⁷No original: L’ activité de language dans son rapport à la linguistique est cett activité qui construit la significacion. (CULIOLI, 1976, p.7).

⁸No original: “Cela signifie que nous accordons, nous ajustons les um aux autres, de sorte que nos représentations subjectives sointe à portée d’autrui” (CULIOLI, p.92. T3).

⁹É o termo que Culioli usa para designar o saber inconsciente que todo sujeito falante possui.

receber a enunciação atribui sentido/significados às formas. Dessa relação entre formas abstratas e formas morfológicas é construído pelo sujeito, de modo plástico e dinâmico, através da atividade metalinguística, o processo de “reconhecimento das formas” (entendido como sendo significativo, investidos de significação) à qual se refere Culioli. Sob esse ponto de vista, a língua não é estática.

Para que compreendamos melhor essa relação entre línguas e linguagem, faz-se necessário especificar sobre os processos cognitivos dos sujeitos na busca por significar: a “representação”, a “referenciação” e a “regulação”. Sobre eles, discorreremos na subseção 2.6.

2.4.1 A diferenciação no processo de representação: Nível 1, Nível 2 e Nível 3

O processo referencial pode ser compreendido como a relação entre três níveis distintos: o nocional (epilinguístico), o textual (linguístico) e o observacional (metalinguístico). Esses níveis dizem respeito à maneira como são organizadas as representações mentais dos sujeitos.

O nível nocional, designado de Nível 1, refere-se à maneira organizacional cognitiva das representações mentais, portanto é o nível da linguagem, formado através do universo simbólico extralinguístico e linguístico. Como essa esfera envolve apenas de operações mentais da linguagem, é inacessível e “não é da competência do linguista” (CULIOLI, 1990, p. 21)¹⁰.

O nível textual, também designado de Nível 2, se constitui pelos textos, pelas operações enunciativas. Ele é constituído pelo agenciamento de marcadores que permitem ao linguista monitorar as operações do nível nocional. Nesse sentido, o Nível 2 é o nível das representações das representações linguísticas, o nível das línguas e está ao alcance do linguista. Nas palavras de Culioli (1990, p. 22), “no Nível 2, temos representações que chamarei de linguísticas, as quais são traços da atividade das representações do Nível 1.”¹¹

O Nível 3 é o metalinguístico, também conhecido como observacional, por ser o da reescritura e da reelaboração formal em que o linguista que simula, manipula as atividades realizadas no Nível 1 por meio da observação das organizações do Nível 2. Portanto, o Nível 3 exemplifica os processos constitutivos da linguagem representados pelas operações de tempo, espaço, aspecto, modalidade. E, por ser um nível anatômico, visa a regular, ou seja, “o Nível 3 é o nível da construção explícita de representações metalinguísticas” (CULIOLI, 1990, p. 22).¹²

¹⁰ No original: “n’ est pás de la compétence du linguiste.” (CULIOLI, 1990, p. 21).

¹¹ No original: “Au niveau 2, nous avons des représentations que j’ appellerai linguistiques, et qui sont la trace de l’ activité de représentation de niveau 1.” (CULIOLI, 1990, p. 22).

¹² No original: “Le niveau 3 est le niveau de la construction de représentations métalinguistiques.” (CULIOLI, 1990, p. 22).

Exemplificando, a respeito dos níveis referenciais, Rezende reitera:

O primeiro nível de representação é subjetivo e centralizado; o segundo, que é a referenciação, é objetivo e descentralizado; e o terceiro, da regulação ou equilibração, é novamente subjetivo mas alcançou um outro nível de organização em razão do diálogo com o outro, com o diferente, realizado no nível anterior, o da referenciação e, portanto, é subjetivo e centralizado novamente. Podemos dizer, em outras palavras, que temos um movimento que vai da unidade para a diversidade e volta para a unidade em um nível superior. A figura da espiral sempre é a que ilustra bem esse movimento evolutivo. (REZENDE, 2014, p. 86)

2.5 A atividade epilinguística

Entendemos o termo “atividade epilinguística” como a atividade interna e não consciente dos sujeitos. É o exercício de reflexão sobre os textos que são produzidos pelos sujeitos, numa incessante capacidade deles em orientar e reorientar as noções, com o intuito de atingir o seu objetivo, o de significar e ser compreendido, ou talvez confundido, no seu dizer, no seu discurso, dado que a atividade epilinguística é interna e invisível e que a “colocamos em prática a todo instante, que tanto pode ampliar e proliferar o significado, gerando ambiguidades, como pode desambiguiá-lo, fechá-lo e determiná-lo” (BIASOTTO, 2014, p. 94).

A “atividade epilinguística”, como propõe Culioli (1999a), é manifestada pelas formas que, ao serem movimentadas por meio das articulações da linguagem, estabelecem as possibilidades para que o sujeito interaja com seu interlocutor, de modo que o interlocutor pode ser ele mesmo ou outrem. E, nesse processo de interação, possibilitar a compreensão e imprimir sentido ao seu texto, porque:

[...] para que haja processo de produção e reconhecimento de significações, é indispensável a existência de um diálogo interno, quer dizer, de uma relação especular. É necessário aproximar como diferentes ou quase idênticos dois (no mínimo) conteúdos predicativos ou modulações e extrair, em consequência do diálogo ou do monólogo, a sutileza da diferença responsável pela configuração de um tal significado, que resultará, então, em uma terceira modulação ou conteúdo predicativo. (REZENDE, 2000, p. 60)

A “atividade epilinguística” consiste em reflexões do sujeito visando a atingir a estabilidade para suas representações e referenciações, sendo essas reflexões realizadas com o trabalho de regulação proveniente do nível das representações metalinguísticas, o Nível 3, que é

[...] aquele que vai fornecer as representações metalinguísticas das representações do segundo nível. Culioli ressalta que esse processo não se reduz àquele que o linguista explicita quando elabora uma representação metalinguística. Trata-se de uma atividade metalinguística não - consciente do sujeito (atividade epilinguística). Essa

atividade mistura-se com o trabalho metalinguístico explícito toda vez que o sujeito reflete sobre sua experiência com uma ou mais língua(s). Esse terceiro nível só pode ser reconstruído a partir do segundo, que é, por sua vez representação do primeiro. Em resumo, as unidades do segundo nível são marcadores de operações do primeiro, ao qual apenas temos acesso por meio dos traços que são os marcadores. O trabalho metalinguístico, desse modo, consistirá em reconstruir as operações nas quais a forma empírica é o marcador. (AGUILAR, 2007, p. 29)

Em Culioli, “a atividade epilinguística” consiste numa certa racionalidade silenciosa, uma preocupação do sujeito em regular seu discurso, modalizando-o para atingir seu objetivo comunicativo. Como ressalta Rezende (2008, p. 98), a “atividade epilinguística ganha toda a sua importância exatamente quando colocamos essas variações radicais de experiência e de expressão ou, ainda, quando defendemos uma indeterminação fundamental da linguagem”. Com efeito, a “atividade epilinguística” é própria da atividade de linguagem e, por sua vez, própria do homem enquanto sujeito de linguagem.

2.6 Representar, Referenciar e Regular: Tudo para Significar

—Quando eu uso uma palavra — disse Humpty Dumpty num tom de escarinho — ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique... nem mais nem menos.
 —A questão — ponderou Alice — é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
 — A questão replicou Humpty Dumpty — é saber quem é que manda. É só isso.

(Carroll, 2002, p.245).

A atividade de linguagem é definida por três habilidades cognitivas, que, de acordo com Culioli (1990, 1999a, 1999b), são inatas a todos os sujeitos: a habilidade de “representar”, a habilidade de “referenciar” e a habilidade de “regular”. Através dessa tríade são estabelecidos os processos de construção e reconhecimento das formas, também chamados de processos linguageiros ou linguagísticos.

O processo de “representação” está atrelado ao processo cognitivo dos sujeitos, refere-se às representações mentais destes. A representação não é apenas um código que permite a passagem do pensamento à linguagem, pelo contrário, a linguagem é quem constrói representações mentais, portanto, representar é “uma atividade individual e psicológica” (BIASOTTO, 2012, p. 74).

O ser humano desde a infância elabora suas próprias representações mentais baseando-se no universo linguístico e extralinguístico, organizando seus pensamentos a partir de suas

vivências e interações possibilitadas pela interação com o meio físico e cultural no qual se encontra inserido. Essas representações Culioli denomina de noções.

Apreende-se que representar é algo particular e psicológico dos sujeitos em colocar em prática uma determinada categoria baseada em experiências vividas por ele, sejam essas experiências físicas ou culturais, através das suas relações com outros e com o mundo. “Representar” é o modo do qual se dá o enunciado.

Resumidamente, a representação é prioritariamente psicológica, passa pelo afetivo, mnemônico extralinguístico, portanto, está ligada às construções das representações mentais (as noções), logo, a linguagem faz parte do sistema cognitivo e interdepende de outros domínios cognitivos. O processo de “referenciação” é uma construção que se configura como a maneira de percepção de mundo pelos sujeitos e de como estes enunciam; logo, a referência não é algo acabado, é construído pelo sujeito, o qual é elemento essencial do processo de enunciação. Nesse processo, o sujeito é a origem do processo de referência, não se configurando como mero observador, e, por essa razão, constrói o sistema de referências com quem deseja compartilhar sua representação.

A referenciação pode ser tomada como a relação entre a língua (que, nesse caso, se aproxima de um código), o mundo e o pensamento (lógico e conceitual), ou seja, a relação entre enunciadores e a busca pelo reconhecimento. Entende-se por “referenciação” os movimentos das noções que poderão existir a partir do enunciado, ou seja, “o processo de referenciação é um acúmulo de localizações entre o enunciado, a situação enunciativa (com parâmetros relacionados ao tempo, ao espaço, aos sujeitos e aos eventos implicados na enunciação) e a relação predicativa” (ZAVAGLIA, 2016, p. 52). Em outras palavras, a referenciação é a relação entre o nível 1 e o nível 2, organizada por operações de localização. Trata-se, portanto, de uma construção.

O processo de “regulação”, também conhecido como “atividade epilinguística”, constitui o jogo das relações de pontos de vistas dos enunciadores, que, na condição de falantes/enunciadores, assumem posições de modo singular, organizado, articulado pelas formas da língua para fazer a adequação do seu discurso. Portanto, é não é possível desmembrá-la das atividades de representação e referenciação.

O processo de regulação é constituído pelos jogos de alteridade entre os enunciadores através dos ajustamentos que realizam em suas construções enunciativas para criar a identificação ou a diferenciação, haja vista que na TOPE os sentidos dos enunciados não são estabelecidos, são construídos pelos sujeitos envolvidos na situação enunciativa, de modo que

essas construções dependem dos contextos psicossociológico e cultural de cada sujeito envolvido no processo. Ao regular, o enunciador ajusta seu discurso de acordo com sua intuição sobre o que seu interlocutor poderá pensar; Como ressalta Biasotto (2012), “a linguagem não é transparente”, portanto, “o ouvinte não é a imagem refletida do enunciador, e vice-versa” (BIASOTTO, 2012, p. 85 *apud* CULIOLI, 1999a).

Resumindo, regulação é o processo pelo qual o enunciador regula suas representações mentais enquanto realiza representações textuais. É um processo de aproximação no qual estão em jogo as representações de ambos enunciadores, dizemos que regular é o mesmo que estabilizar, e a invariância de nível 1 sustenta a variação do nível 2.

Os processos de representação, referenciação e regulação são operações que permitem aos sujeitos produzir, distinguir e atribuir sentidos às sequências interpretáveis por meio dos rastros de operações possibilitados pela articulação da linguagem com as línguas e materializadas nos possíveis sentidos que se podem depreender dos enunciados.

2.7 Sujeito, Enunciado, Enunciação e Sentido, na perspectiva Enunciativa Culioliana

Uma palavra caída das montanhas dos instantes desmancha todos os mares e une terras mais distantes...
(Cecília Meirelles, 1982b, p.128).

Buscamos nesta subseção esboçar brevemente algumas considerações a respeito de determinadas acepções - à luz dessa teoria, de conceitos indispensáveis.

Começemos pela ideia de sujeito. Aqui, ele não constitui uma instância pré-construída, mas emerge da problemática que articula linguagem e línguas, assim como a relação predicativa e enunciativa. Sob esse enfoque, o sujeito é o parâmetro operatório para a construção do enunciado, o mediador do processo de apropriação, interferindo diretamente na construção de representações, constituídas a partir de sua percepção.

Ele, segundo Fuchs (1984, p. 78), “está fundamentalmente inscrito tanto no objeto de estudo quanto no tipo de dados linguísticos que estão vinculados à teoria de Culioli”, uma vez que os sentidos na língua só são possíveis por causa das modulações realizadas pelo sujeito (processo que o introduz na teoria). O sujeito e o momento de ocorrência da enunciação são elementos indispensáveis na situação enunciativa e permitem a construção do processo metalinguístico evidenciando as operações que se encontram em funcionamento num determinado momento discursivo. O sujeito, por estar inscrito no âmago da TOPE, realiza a articulação entre o estável e o variável por meio de sua relação dialógica.

O enunciado é o fruto da enunciação, encontra-se nas línguas e é o resultado de um intenso trabalho de correção e reorientação de trajetórias, constituído pelo agenciamento de marcadores. O enunciado é o próprio agenciamento de marcadores. E, mais que isso, o enunciado, para Culioli, segundo Pria (2009), “é um constructo teórico”. Para além disso, enunciado e frase constituem coisas distintas: esta relaciona-se diretamente às descrições sintáticas, que dizem respeito às classes de palavras com regras específicas ou generalizáveis.

Nessa perspectiva, o enunciado não é uma categoria dada, mas é apreendido em seu valor singular, de modo que a subjetividade é estabelecida por meio das formas. As formas, por sua vez, constituem o enunciado, que deve ser apreendido como “[...] um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos que o constituem como tal podem ser analisados no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio” (FRANCKEL, 2011, p. 44).

Do mesmo modo, podemos tomar a enunciação como algo também construído por ser um processo que se dá a partir dos enunciados, de modo que a forma é a responsável pela produção da enunciação, a qual, por sua vez, “é entendida como um conjunto de parâmetros externos ao enunciado e à própria atividade de linguagem” (PRIA, 2009, p. 37).

A enunciação, então,

[...] é vista como o modo de constituição de sentido no enunciado, cujas formas remetem à produção de valores referenciais. Ela permite perceber que os mecanismos enunciativos devem ser analisados no arranjo de formas expressas no *enunciado* e que este objeto de análise é que possibilita reconstruir a enunciação. (FLORES, 2011, p. 211, grifo do autor)

Na teoria culioliana, o significado/sentido dos enunciados é também um constructo teórico. A significação é constitutiva das formas, e:

[...] o enunciado traz consigo um potencial interpretativo, mas isso não implica afirmar que o significado de um enunciado é definido *a priori*, exteriormente à sua localização em relação a uma situação particular. Se, por um lado, o enunciado traz um potencial interpretativo que seleciona seus contextos de ocorrência, por outro lado, será uma seqüência interpretável quando da sua ocorrência em seus contextos possíveis [...] O significado será contemplado não como um dado, mas como um construído. (PRIA, 2009, p.38)

Sob esse enfoque, a significação pode ser definida como um jogo entre a plasticidade e estabilidade, de modo que a linguagem opera de maneira dinâmica e processual. A significação depende das experiências dos sujeitos envolvidos no processo enunciativo. As interações linguageiras vão adquirindo sentidos à medida que os sujeitos, através do processo de

regulação, reorientam o valor da formalização. Como já explicitado no item 2.4, todo discurso, segundo a teoria culioliana, perpassa pelo plano experiencial, atravessando pelo processo de abstração e retornando ao plano experiencial com um novo valor. Com efeito,

A significação não existe *a priori*; está sempre sendo construída e reconstruída no momento único de cada enunciação manifestando-se nos jogos de variância e invariância dos fenômenos linguísticos, ou seja, na articulação entre linguagem (entendida como processo) e línguas naturais (produto linguístico). (BIASOTTO, 2014, p. 99)

2.8 Categorização Zero

A TOPE distancia-se do estudo gramatical baseado em categorias. Ela não considera unívoca a relação entre o Nível 1 (representação mental) e o Nível 2 (representação linguística), modalidades que dão origem ao enunciado.

Com base nisso, podemos dizer que ela não trabalha com categorias pré-definidas, as categorias designadas por Classe de palavras: verbos, interjeições, adjetivos, substantivos, preposições, etc. Longe disso, Culioli propõe o estudo no âmbito da transcategorização, ou categorização zero, como ele mesmo chamou. Para ele, as variações obtidas no processo de regulação permitem compreensões, comparações e análises das palavras.

Na categorização zero, as representações mentais (Nível 1) e a referência (Nível 2) relacionam-se, e, como propõe Culioli, é estabelecida uma relação entre a “fluidez categorial” e a “polivalência categorial”. (ZAVAGLIA, 2016, p. 65). Na TOPE, a categorização se configura na/pela enunciação. A esse respeito, Pria (2009) salienta, que:

[...] um dos objetivos da lingüística é mostrar, a partir da observação de diversas línguas e da aquisição de uma língua, como se constroem as categorias gramaticais, estabelecendo correspondências entre um conjunto de operações e os marcadores dessas operações. O resultado desse objetivo será “uma representação metalingüística explícita” da articulação da linguagem com as línguas naturais. (PRIA, 2009, p. 50)

As categorias não são baseadas no empírico, são categorias que dizem respeito aos processos em que está sustentado o empírico. Nesse viés, são eleitos certos valores como categorias, de forma que, as categorias são as próprias operações.

A partir dessas considerações, explicitaremos nas próximas seções sobre algumas operações importantes no processo de construção de categorias gramaticais, como, o domínio nocional, o aspecto, modalidade e a determinação (quantificação e qualificação).

2.8.1 Domínio Nocional, Aspecto e Modalidade: Construindo Categorias Gramaticais

[...] a atividade de linguagem não se restringe ao lingüístico.
(CULIOLI, 1990, p. 50)

2.8.2 Noção

Para falarmos de “noção” e de “domínio nocional”, devemos ter em mente que se trata de conceitos centrais para a teoria.

Entendemos a noção quando nos remetemos ao universo das propriedades e dos fenômenos, haja vista que se dizem da noção todos os domínios lingüísticos que perpassam os estudos empíricos e formais da linguagem. Considerando isso e o que já foi abordado sobre a linguagem na subseção 2.2, segue-se que essa teoria vislumbra o trabalho de significação, dado que se trata de uma teoria enunciativa. Nela, há uma relação direta do sujeito com o enunciado, de modo que o sujeito produz enunciados através da orientação e reorientação da noção na sua constante busca por significar. O enunciado é constituído na relação com o sujeito que fala, que produz e regula o discurso. Assim sendo, é importante que se estabeleça o conceito de representação mental, capacidade que Culioli chamou de “noção”.

As noções são sistemas de representações complexos de propriedades físico-culturais, isto é, de propriedades de objetos resultantes de manipulações necessariamente tomados no interior das culturas e, dessa maneira, falar de noção é falar de problemas que são de domínio de disciplinas que não podem se limitar só e unicamente à Linguística. (CULIOLI, 1990, p. 50)¹³

Isso posto, explicitaremos a respeito dos três domínios da representação da noção, referidos por Gonçalves (2008), da representação nocional dos domínios: lexical, gramatical e o do conteúdo de pensamento.

O domínio nocional lexical é o conjunto de unidades de uma língua que se associam para construir enunciados ao mesmo tempo com liberdade e restrições. Ele diz respeito às palavras, que de alguma forma, remetem a um campo semântico. No entanto, como assevera Zavaglia (2016, p. 70), “cada uma dessas unidades, que podem ser entendidas como palavras, não coincide com uma representação nocional.” A esse respeito, Culioli salienta que,

¹³ No original: Les notions, de leur cote, sont des systèmes de representation complexes de propriétés physico-culturelles, c'est-a-dire des propriétés d'objet issues de manipulations necessairement prises à l' intérieur de cultures et, de ce point de vue parle de notion c'est problèmes qui sont Du ressort de isciplines qui ne pás peuvent pás être ramenées univalent à la linguistique. (CULIOLI, 1990, p. 50)

as palavras são como resumos desses sistemas de representação nocional. São captadoras: por uma palavra que você pode remeter a uma noção. Ela invoca toda uma noção, porém a relação não é simétrica: uma noção vai ser aprisionada parcialmente numa palavra. Uma vez mais, pois, não há relação termo a termo; sempre há faltas, sempre há exageros. Na realidade, sempre há, a partir da palavra, a possibilidade de haver um sistema que fuja à palavra. (CULIOLI, 1984, p. 19).¹⁴

No que se refere ao domínio gramatical, Culioli propõe que toda palavra é léxico-gramatical, e o enunciado, na condição de constructo constituído por marcadores, está sempre em relação com o domínio lexical.

O domínio de pensamento, por sua vez, diz respeito à atividade epilinguística. É o resultado da reconstrução e reorientação de trajetórias das relações, das marcas, já percebidas no discurso.

Depreendemos que a relação de predicação, de certo modo, não seria nada mais do que a manifestação da noção, a qual, pode-se dizer, assegura a possibilidade de uma representação vir a ser, ou a ganhar existência, tendo em vista que há ocorrências da noção tanto no nível exterior como no nível interior, sendo essas ocorrências abstratas. Destarte, um mesmo fato pode assumir diversas propriedades nocionais, apresentando variações de sentidos, assim como variações esquemáticas dadas através das formas. Como explicita Cumpri (2014):

As noções se organizam em domínios que ora são de ordem cultural, ora experiencial, ora cognitivo e esses domínios são as fontes que caracterizam os objetos e os fenômenos do mundo e se organizam em torno do que está dentro (no interior), fora (no exterior) e o que está na fronteira da noção. Nesse sentido, a fronteira é o intervalo ou mesmo o campo vazio entre duas propriedades (não verdadeiramente p ou não verdadeiramente p'). Nesse sentido, enquanto o interior é tudo aquilo que é construído ao redor do alto grau da noção (o verdadeiramente p, o verdadeiramente p'), o exterior é um domínio cujo centro é tudo aquilo que o interior não é (o verdadeiramente não-p ou o verdadeiramente não-p'). (CUMPRI, 2014, p. 104)

A noção, portanto, é tanto constituída do Nível 1 (representações mentais) como do Nível 2 (representação linguística). O termo noção remete o signo linguístico a um nível mais profundo de análise porque se configura como a junção de experiências de língua, de cultura, de pensamentos responsáveis pelos sentidos razoavelmente estáveis das línguas.

2.8.2 Domínio Nocional

¹⁴ No original: Les mots sont des sortes de **résumés** de ces systèmes de représentation notionnelle. Ce sont des capteurs: Par un mot vous pouvez renvoyer à une notion. Il évoque toute une notion mais la relation n'est pas symétrique: une notion va être emprisonnée **partiellement** dans un mot. Donc une fois de plus il n'y a pas de relation terme à terme; il y a toujours des échappatoires, il y a toujours du surplus. Il y a toujours en fait à partir du mot la possibilité d'avoir un système qui échappe au mot. (CULIOLI, 1984, p. 19)

Se a noção, como já salientamos, refere-se ao nível das representações (nível 1), o domínio nocional é constituído de ocorrências abstratas de uma noção. As ocorrências incidem sobre as noções construindo um domínio nocional, sendo a classe dessas ocorrências a responsável por quantificá-las (as noções), inserindo-as num espaço topológico, de maneira que, a partir disso, podemos observar o que é interior e o que é exterior a um determinado domínio, além daquilo que se mantém na fronteira desse domínio.

A determinação do espaço topológico determina a qualificação de uma noção, “[...] um domínio nocional é um domínio de ocorrências de uma noção; esses domínios não são apreensíveis apenas por meio de ocorrências que permitem sua constituição” (CULIOLI, 1990, p. 53).¹⁵ Como propõe Rezende (2010):

O domínio nocional evoca a **idéia de conteúdo de pensamento**, por um lado, reunindo objetos de conhecimento, e por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzindo segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso, é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de *centro do domínio*, que será o alto grau da noção. (REZENDE, 2010, p. 8, grifos nossos)

Já nas palavras de Pria, “compreende um domínio abstrato, não de representações cognitivas, mas de representações metalinguísticas que estruturam ocorrências da noção.” O domínio nocional é manifestado “através da manipulação dessas representações segundo expedientes teóricos explícitos” (PRIA, 2013, p. 45), sendo que, por meio dessas manipulações das representações a que se refere Pria, são instituídas as manifestações metalinguísticas, constituídas na articulação das línguas naturais com a linguagem, como propõe Culioli.

2.8.3 Aspecto

O aspecto é o resultado da articulação de diversos domínios, e é através dessa categoria que podemos estabelecer relações entre uma representação e o conjunto de marcadores de uma língua. Ele é configurado por uma trajetória que se inicia nas representações mentais, passando pelo processo de referenciação e chegando à regulação, momento da interação em que são atingidos ou não os objetivos linguísticos intuídos na origem do processo de interação entre as línguas e a linguagem.

¹⁵ No original: “A ces domaine, pusant dans la notion, est associée une classe d’ occurrences; ces domaine ne sont appréhendables qui à travers les occurrences qu permettent leur constitution.” (CULIOLI, 1990, p. 53).

Gonçalves afirma que:

[...] o aspecto é construído por uma trajetória desde um momento origem até um momento esperado ou atingido. As operações aspectuais são as operações de determinação de um predicado. Modulam no tempo e no espaço os jogos de relação entre enunciador e co-enunciador, para que eles possam construir ou reconstruir os domínios de referência. (GONÇALVES, 2008, p. 30)

Em outras palavras, o aspecto se dá na construção referencial à medida que o sujeito enunciador, na sua relação intersubjetiva, modaliza seu discurso no tempo e no espaço.

2.8.4 Modalidade

A modalidade, assim como o aspecto, contribui para construir valores referenciais dos enunciados, e, segundo Pria (2009), é “uma categoria gramatical que incide sobre a relação predicativa na construção do enunciado.” Organiza-se para por valores referenciais emergidos na relação intersubjetiva entre o enunciador e o co-enunciador.

A essa categoria, Culioli atribui quatro especificidades, distribuindo-as em quatro tipos: Modalidade 1, que diz respeito à asserção; Modalidade 2, que diz respeito à epistêmica, as possibilidades do enunciador no quadro de validação das relações predicativas; Modalidade 3, que diz respeito à apreciação na relação predicativa, ou em parte dela; e, Modalidade 4, que diz respeito à permissão, ou seja, marca a relação intersubjetiva entre os enunciadores.

Na Modalidade 1, as marcas de asserção (afirmação ou negação), de interrogação, de hipótese e de injunção são imprescindíveis, haja vista que dão contorno a um mote em relação ao nível predicativo. As de asserção delimitam que o conteúdo da relação de predicação pode ser validado como verdadeiro ou falso, positivo ou negativo. No que concerne à modalidade interrogativa, ela supracita o não comprometimento do sujeito enunciador com o texto enunciado, nem mesmo com algo que tenha valor de verdade ou falsidade, ou seja, “o enunciador atribui a um co-enunciador a tarefa de assumir um valor” (PRIA, 2009, p. 69). A injunção, por sua vez, indica uma incerteza entre um valor positivo ou negativo e o não comprometimento do enunciador, ou seja, “têm-se as possibilidades sim, não, talvez; o talvez sendo nem sim nem não, mas podendo se tornar sim ou não” (BIASOTTO, 2012, p. 98). Já a hipótese, seja positiva ou negativa, exime o sujeito enunciador de qualquer predicação absoluta.

Na Modalidade 2, encontra-se o domínio das possibilidades, do provável e do talvez possível. Como explicita Zavaglia, diz-se da modalidade 2 “tudo aquilo que pertence ao domínio da *certeza enfraquecida*”, (ZAVAGLIA, 2016, p. 97), como, por exemplo, em vez de

se dizer: “ele come maçã”, diz-se “ele deve comer maçã”. Essas modalidades se estabelecem como uma possibilidade de efetivação das modalidades do tipo 1.

Na Modalidade 3, sucede uma relação centrada no sujeito enunciador que julga satisfatoriamente ou insatisfatoriamente, de bom grado ou não, normal ou anormal, um fato ao qual deixa sua impressão.

Na Modalidade 4 dão-se as ocorrências enunciativas, há a relação entre dois sujeitos, estabelecida a partir da intersubjetividade que se estabelece por meio do deôntico (é preciso, deve-se), do desejar ou permitir.

Como ressalta Souza (2018):

A combinação das modalidades no jogo enunciativo permite-nos, conforme Rezende (2000), a construção de uma certa representação das coisas, remetendo-nos diretamente à relação linguagem e cognição que, por sua vez, implica no problema da noção e introduz o problema da relação intersubjetiva que remete a todos os problemas de aspecto e de modulações enunciativas. (SOUZA, 2018, p.63).

2.8.5 Construindo e Caracterizando a Relação Predicativa: A Determinação

É do buscar e não do achar que nasce o que eu não conhecia.

(Clarice Lispector, 1986, p. 172)

Para Biasotto (2012), “um indivíduo, ao construir uma noção, conseqüentemente constrói ao redor dela um domínio nocional, que se estabelece enquanto construções singulares e distintas”. Suponhamos que, se em um dado momento, por exemplo, dizemos “menino” e em outro momento, ou seja, em um tempo depois, proferimos novamente “menino”, não podemos dizer que a primeira ocorrência seja igual à segunda, pois foram proferidas em tempos e espaços distintos, e em situações enunciativas também distintas. A partir daí, podemos enumerar, quantificar essas ocorrências e qualificá-las. Partindo disso, Culioli estabelece dois conceitos: o conceito de quantitativo¹⁶, QNT, e o conceito de qualitativo¹⁷, QLT.

A operação de quantificação concerne às operações pelas quais se dão as construções da representação de algo que pode mudar e situar em um espaço referencial. O sujeito ao perceber e vislumbrar o mundo de modo singular, único, elimina a indeterminação e se coloca

¹⁶ Diz-se da operação de representação da ocorrência de uma noção em um espaço-tempo de referência. Sua abreviação é notada QNT.

¹⁷ Diz-se da operação de estruturação de ocorrências de uma mesma classe. Sua abreviação é QLT.

num espaço - tempo. A quantificação pode ocorrer através das operações de “extração”, “flechagem” e “varredura”, operações que explicitaremos nos parágrafos que se seguem.

A operação de “extração” visa a extrair o essencial de uma ocorrência, individualizando-a. Retira-se de uma lista de ocorrências abstratas do domínio nocional da noção uma ocorrência única, particular que tenha identificação com o predicado. Tomemos como exemplo de extração a seguinte ocorrência: “Aquele menino é teimoso”. Neste exemplo podemos extrair do domínio nocional <ser menino> uma das muitas ocorrências que o constitui, atualizadas pelos marcadores “aquele” e “teimoso”. De modo simplificado, a extração consiste em delimitar os limites de espaço e tempo de uma noção.

Já na operação de “flechagem”, diferentemente da extração, há a identificação de uma segunda ocorrência da noção com a primeira, ou seja, uma ocorrência posterior identifica-se com uma ocorrência nocional que se deu anteriormente. Como por exemplo, se dizemos: “O menino continua teimando!”, estamos extraindo uma segunda ocorrência da noção <menino> e identificando-a com uma primeira ocorrência que poderia ser: “O menino teimava com a mãe”. A esse processo de identificação Culioli chama de “flechagem”.

A operação de “varredura”, como propõe Pria (2009), “consiste em percorrer todos os valores assinaláveis de classe de ocorrências abstratas no interior de um domínio sem poder se ater a um valor distinto em relação a uma situação particular” (PRIA, 2009, p. 67). Na operação de varredura, é realizado um percurso em que todas as ocorrências de um domínio nocional são alcançadas sem se deter a nenhuma delas em particular, como por exemplo, na ocorrência: “Todo e qualquer menino é teimoso”. Nesse caso, os quantificadores “todo” e “qualquer” percorrem a classe de menino, de modo que nenhuma ocorrência aconteça de maneira individualizada, com valor ou situação particular.

No que concerne à operação de qualificação, podemos dizer que nesse processo estão em jogo a identificação e a diferenciação acerca de algo. Nesse modelo, a qualificação afeta algo existente, possibilitando expandir o domínio daquilo que já temos caracterizado provisoriamente. A qualificação assegura que uma dada ocorrência extraída de uma representação nocional não seja “uma ocorrência *qualquer*, mas dotada de uma propriedade diferencial que a estabiliza, como sendo *essa* ocorrência” (CULIOLI, 1999a).

De maneira geral, em toda passagem da representação Nível 1 ao Nível 2, a referência é qualificada e quantificada de algum modo:

No caso de *Qlt ele* é o principal por direito, uma vez que uma propriedade mínima que diferencia e estabiliza a ocorrência de uma noção como sendo *essa* ocorrência origina-se de todo ato de flechagem: a coisa que está sendo flechada é inevitavelmente

dotada de uma propriedade diferencial mínima de “ser-a-coisa-que-está-sendo-flechada”. Em resumo, *Qnt Qlt* representam um processo que combina em um só todo a Extração (*Qnt* preponderante) e a Flechagem (ou Re-identificação, *Qlt* preponderante), sendo o resultado a equiponderância dos dois componentes. (CULIOLI, 1990, p. 184)¹⁸

2.8.6 Glosa e Paráfrase: As Possibilidades de Formulações e Reformulações do Dizer

[...] o sentido das palavras e dos textos não é exterior à língua, mas decorre de uma ordem própria que não é o decalque nem de um pensamento, nem de um referente externo, constata-se que a explicitação desse sentido só é possível por meio da atividade de paráfrase e reformulação. (FRANCKEL et al, 2011, p.103).

Nesta seção, abordaremos brevemente como se dá o sentido a partir da perspectiva enunciativa de Culioli, a TOPE. Para isso, partiremos do princípio de que a cada forma de expressão constroem-se novas experiências. A língua, nesse viés, é entendida através do processo de formulações e reformulações de valores e significados que são intuídos pelos sujeitos no processo de interação através da linguagem, como afirma Franckel:

[...] o sentido das palavras e dos textos não é exterior à língua, mas decorre de uma ordem própria que não é o decalque nem de um pensamento, nem de um referente externo, constata-se que a explicitação desse sentido só é possível por meio da atividade de paráfrase e reformulação. Trata-se de uma atividade metalingüística, específica da linguagem humana que apreende o sentido apenas quando faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos. (FRANCKEL, et al, 2011, p. 103)

Os sentidos das palavras, dos enunciados e dos textos não são prontos e acabados; pelo contrário, são construtos cujos sentidos dependem das formulações e reformulações que serão feitas a partir do que foi enunciado em primeira instância. Portanto, nenhum dito é claro o bastante para ter apenas uma interpretação, sempre há maneiras diferentes de (re)dizer um mesmo dito.

Conforme Romero (2011),¹⁹ a preocupação da abordagem da linguagem na perspectiva culioliana é ir “além da estrutura visível, reconstruindo as operações cognitivas das quais os

¹⁸No original: As for QLT, it is foremost by rights, since the minimal property that differentiates and stabilizes an occurrence of a notion as being *this* occurrence stems from the very act of pointing: the sing that is being pointed at is inescapably endowed with the minimal differential property of “being-the-thing-mis-being-pointed-at.” To put is briefly, QNT QLT represents a process that conflates Extraction (QNT preponderant) and pinpointing (or Re-identificacion, QLT preponderant), the result being equipoderance of the two components. (CULIOLI, 1990, p. 184).

¹⁹ Romero, no artigo “Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi” (2011, p.156).

enunciados são os rastros”, e, segundo ela, a partir desses rastros mostrar como a linguagem opera. A essa explicitação insere-se o conceito de “glosa” entendida como uma retomada e reformulação de algo, “um tipo particular de reformulação, não assimilável a uma definição, nem a uma retomada com o propósito de melhor esclarecer algo anteriormente dito” (CULIOLI E NORMAND, 2005, *apud* ROMERO, 2011, p. 156).

Com efeito, glosa é uma espécie de reformulação, que:

[...] constrói-se ao tentar tornar consciente um “saber inconsciente” – a “racionalidade silenciosa” – e tal tentativa passa, de um lado, por comentários, por explicações e percepções a respeito do papel desempenhado pela unidade linguística que se quer analisar nas interações que dela decorrem, de outro, por uma formalização desse papel por meio de uma metalinguagem. [...] Em suma, trata-se sempre de um procedimento que se desdobra: a glosa “busca fazer proliferar os fenômenos” por meio de procedimentos experimentais, manipulações, o que, por sua vez, dá origem a uma representação metalinguística (o “aprisionamento da glosa”) que diz, por meio de relações, o modo como a linguagem funciona. (ROMERO, 2011, p. 156 e 157).

Notamos que as glosas são reformulações do sujeito em uma tentativa metalinguística de compreender a atividade de sentidos, porém, essa atividade de compreensão e reformulação não é completamente controlável, logo, ratifica a maneira de funcionamento da linguagem, evidencia as relações entre o variável/deformável e o invariável. Como ressalta Culioli, as glosas são os “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente²⁰” (CULIOLI, 1999a, p. 74). Dessa maneira, mesmo correndo o risco de parecermos repetitivos, citaremos uma passagem para melhor ilustrar que a glosa, de modo geral:

[...] **está ligada à atividade epilinguística** e tem um papel muito importante no cotidiano dos locutores, pois vai fazê-los entender o sentido de uma frase em uma língua estrangeira ou desambiguar um enunciado mal interpretado. É importante ressaltar que **as glosas epilinguísticas não são totalmente controláveis, pois constituem um sistema de representação interno à língua.** (BIASOTTO, 2012, p. 100, grifos nossos)

Já no que concernem às paráfrases, estas dizem respeito a uma atividade já regulada, que, deste modo, apresenta regras próprias de materialização e pode ser controlada pelo observador e pelo linguista. A paráfrase consiste na simulação das glosas construídas pelos sujeitos enunciantes. Quando o linguista se constitui como sujeito enunciantes, passa a construir famílias parafrásticas, ou seja, produzir uma “classe de enunciados, que se pode

²⁰No original: “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (Culioli, 1999a, p.74).

definir como uma classe de **ocorrências moduladas**”²¹ (CULIOLI, 1990, p. 137, grifos nossos), porque as paráfrases não são apenas o dizer a mesma coisa de outra maneira: nunca temos sequências linguísticas congruentes, apenas análogas.

Entendemos que um enunciado é passível de interpretações variadas e que a relação parafrástica é construída por um processo de simulação de enunciados de modo a desvendar os princípios que levam a passagem de um agenciamento a outro e, a partir desse processo, explicar os valores referenciais equivalentes acarretados por estes agenciamentos particulares (CULIOLI, 1999a). De acordo com Culioli (1976, p. 63), a composição de uma família parafrástica ocorre da seguinte maneira: “considera-se n enunciados, dos quais sabe-se intuitivamente que eles estão ligados por um certo número de operações, que são bastante simples, e procura-se verificar se se podem construir as operações que, a partir de uma fórmula, vão permitir que se derivem os enunciados” (CULIOLI, 1976, p. 63).²²

Nesse contexto, a experiência dos sujeitos contribui/leva às definições de sentidos das construções presentes na língua. Quando observamos o marcador ‘puta’, por exemplo, e constatamos que este apresenta como sentido a designação de pessoa sem boa índole, remetendo a meretriz, prostituta, deixamos de lado todo o movimento resultativo da estabilização desse valor para tal termo. Esquecemo-nos do movimento contínuo de passagem daquilo que é específico ou particular ao generalizável, dos valores já dados aos valores construídos a partir dos processos cognitivos dos sujeitos por meio de sua experiência.

²¹ No original: “classe d’énocés, que l’on peut définir comme une classe d’ocurrences modulées” (CULIOLI, 1990, p. 137).

²² No original: “on pose n énoncés dont, intuitivement on sait qu’ils sont reliés par un certain nombre d’opérations qui sont assez simples et on cherche à voir si on peut construire les opérations qui, à partir d’une formule, vont permettre de dériver les énoncés. (CULIOLI, 1976, p. 63).

3 ESTUDO DO MARCADOR ‘PUTA’ TOMADO ENQUANTO “TABU” E ENQUANTO CLASSE GRAMATICAL POR GRAMÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, buscamos de modo breve e sucinto situar o marcador ‘puta’ enquanto proibição/restrição, dado que o marcador em questão carrega consigo desde sua gênese uma historicidade que é própria das línguas enquanto movimento social e linguístico. Para tanto, tomamos o marcador enquanto “tabu” e realizamos alguns apontamentos sobre ele, esboçando algumas considerações acerca das classes de palavras a que este marcador, segundo a Gramática Tradicional, costuma estar associado, para, no fim, contrapô-las à TOPE.

3.1 O Marcador ‘Putá’ enquanto Tabu²³: Uma Parada para Reflexão

Segundo Orsi (2011), a designação *tabu*, foi conferida pelo navegante inglês James Cook (1728-1779) que, em uma narrativa de viagem à Oceania, escreveu sobre a conduta referida pelos nativos das ilhas de Tonga como *Tapu*. Para a autora, a expressão era usada para aludir a coisas sagradas, porém, ao mesmo tempo proibidas. Benveniste (2006, p. 260) corrobora essa ideia ao afirmar que, “[...] o tabu [...] é uma proibição muito antiga, imposta de fora (por uma autoridade) e dirigida contra os desejos mais intensos do homem. A tendência a transgredi-la persiste em seu inconsciente, os homens que obedecem ao tabu são ambivalentes em relação ao tabu.”

Também partilhando da mesma opinião de Benveniste e Orsi, está Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), ao dispor em seu dicionário que *tabu* é um substantivo masculino e que diz respeito à “restrição costumeira ou tradicional a certos comportamentos que, se praticados, recebem forte reprovação moral e social”. Assim,

O tabu [...] caracteriza-se por ser, então, **um sistema de superstições relacionado a valores morais. Então, é algo fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por esse motivo, objeto de desejo, ou seja, é sinônimo de transgressão; estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade.** (ORSI, 2011, p. 336, grifos nossos)

Nessa mesma esteira, temos ‘puta’, que ainda não é considerado de bom grado ou bem aceito socialmente. Ainda hoje, certos termos ferem os princípios que concernem à moral e aos bons costumes, porque se trata de uma palavra utilizada, muitas vezes, com o intuito de ofender

²³ Para uma leitura mais aprofundada sobre *tabu* leia: ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 25 de julho de 2019.

outras pessoas, portanto, denominamos *tabu* - “toda expressão tida como desagradável, porque é ofensiva aos bons costumes, boas maneiras ou porque lembra fatos ou situações desagradáveis” (SANDMANN, 1992, p. 222).

O termo puta é tido como desrespeitoso e desagradável, porque se relaciona diretamente, com a prática sexual por dinheiro, a prostituição. Quando proferimos o termo puta, como ressaltam Surubi e Souza (2013), “o que, de imediato, é colocado em funcionamento pela memória são sentidos que ligam a imagem feminina a uma prática não autorizada, a da prostituição”. Puta, então, é sinônimo de pessoas que não tenham boa índole, e, por essa razão é tido como *tabu*, o qual decorre de “[...] sanções, restrições e escrúpulos sociais” (ORSI, 2011, p. 336).

Até há pouco, considerar alguém puta era atribuir a esse alguém características de pessoas sem pudor, sem vergonha, impuras, indecentes, etc. Contudo, devido aos contextos midiáticos, foram criando-se novas denominações, novas significações para o marcador ‘puta’, de modo que este ganhou novos significados, que podem também explicitar qualidades, como indignação ou espanto, por exemplo, e suas significações, então, vão depender da finalidade ao qual o termo será empregado, de forma que poderá qualificar positivamente ou negativamente um sujeito ou uma ação, a depender do contexto a qual foi inserido. Os sentidos das palavras são extremamente instáveis e inconstantes, uma vez que “é preciso considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem [...]”, (BRÉAL, 1883, *apud*, GUIMARÃES, 2005).

Com isso, entendemos que os sentidos de uma palavra dependem do objetivo com que a empregamos:

[...] o “sentido” de uma forma lingüística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes. Na presença de dois morfemas idênticos providos de sentidos diferentes, devemos perguntar-nos se existe um emprego no qual esses dois sentidos recobram a sua unidade. A resposta jamais se apresenta de antemão. Só pode ser fornecida por um estudo atento do conjunto dos contextos nos quais a forma é susceptível de aparecer. Não se tem o direito de presumi-la, positiva ou negativa, em nome da verossimilhança. (BENVENISTE, 2005, p. 320)

O termo puta, de etimologia latina, não é apenas sinônimo de prostituta, meretriz, de qualquer mulher dada à vida libertina. De acordo com dicionários, também, nas gírias, denota manifestação oral ou escrita hipervalorizada para definir qualquer coisa excelente, enorme,

fantástico, maravilhoso, etc. (MICHAELIS *ONLINE*²⁴). Como assevera Benveniste (2005, p. 342), “tudo depende da natureza da noção que se quer tornar presente no espírito”. E, como reforçam Fernandes e Souza (2013):

Vemos, portanto, como os sentidos de uma palavra dependem de seu funcionamento discursivo, ou seja, dependendo das condições de produção que instalam o acontecimento discursivo, os sentidos de uma determinada palavra mudam, deslocam, deslizam produzindo outros, mostrando que a língua não é transparente, pois está sujeita à falha, ao equívoco. Dito de outro modo, por mais que os lexicógrafos tentem dicionarizar as acepções das palavras da língua, o seu sentido pode ser sempre outro, visto que a língua está à deriva e os sentidos dependem das condições de sua produção. Desse modo, percebemos que, por mais que se busque a cristalização dos sentidos, a unidade é somente uma condição imaginária, pois os sentidos constituem-se historicamente, produzindo efeitos, uma vez que não pode haver uma apreensão total do real, devido à incompletude da linguagem. (FERNANDES; SOUZA, 2013, p. 67)

Nessa conjuntura, apesar de o marcador ‘puta’ ainda ser entendido por muitos em nossa sociedade como sinônimo de mulher dada à vida libertina, e, conseqüentemente, ser tomado como *tabu*, podemos ressaltar que essa abordagem está pautada num viés estático, sem embasamento em contextos e empregos outros, em que o marcador em questão possa assumir outros sentidos. Tais sentidos são adquiridos a partir da relação entre o conceitual, o empírico e o social, como propõe Culioli (1999b) ao se encaminhar para uma concepção construtivista, apontando sempre para o fato de que os sentidos das marcas se constituem a partir dos textos, através das articulações da linguagem com as línguas naturais, nos agenciamentos da linguagem dentro de contextos e situações particulares de acontecimentos do marcador. Além do mais, temos que considerar, como ressalta Orsi (2011), o fato de que:

[...] em certos casos, como o da linguagem proibida – aquela que se refere a itens obscenos –, as perspectivas têm-se alterado tão rapidamente que a nossa própria atitude de pesquisador e de falante deve estar preparada para vencer os preconceitos contra os antivalores culturais que esse tipo de unidade lexical representa, devendo admitir uma profunda alteração de seu prestígio e uso nas situações linguísticas da vida contemporânea. (ORSI, 2011, p. 339)

Como é o caso do termo *puta*, que outrora designava apenas ofensas, um “palavrão”, e, atualmente, também designa situações satisfatórias, insatisfatórias e impressionantes, pois se utilizado em situações propícias não causa estranhamento, contudo, deve ser exposto somente em momentos adequados para que o vocábulo não venha perder o leque de sentidos que carrega consigo.

²⁴ Utilizamos também como suporte para definir o marcador ‘puta’ o dicionário *Michaelis Online*, por acreditarmos que este dicionário, por ser mais moderno, teria uma definição também mais atual para o termo.

Por exemplo, se numa roda de amigos é proferido que “alguém está putto”, o termo “putto” (masculino de puta, no contexto atual) não corresponde a uma ofensa, mas a um estado emocional que o sujeito se encontra, ou seja, expressa indignação, chateação, braveza. Do mesmo modo, o termo não funciona como sinônimo prostituição em ocorrências como: “Estou puta hoje.” “Ele tem um puta carro”, “Recebi uma puta grana”, “Putta imbecil”, “Putta covardia”.

Em “Estou puta hoje”, não significa que alguém se tornou prostituta de um dia para outro, assim como se alguém disser que “Clarice Lispector é uma puta escritora não estará ofendendo Lispector - pelo contrário, estará tecendo elogios, fazendo comentários positivos em relação ao trabalho de Clarice enquanto escritora, características que atribuiria a ela o papel de ótima escritora, aquela que escreve ótimos textos ou até mesmo publica muitos textos. Nesse sentido, a opção pelo uso do termo vai depender “do ambiente cultural em que o falante e seu interlocutor se inserem. Essa seleção reflete principalmente o contexto para intensificar ao máximo o significado, que pode ser obtida por intermédio do eufemismo ou da adoção de um termo científico ou ainda de algum outro de caráter mais popular” (ORSI, 2011, p. 338).

Esses exemplos demonstram que, atualmente, temos muitas alternativas para construir o superlativo e, por mais que as concepções normativas tentem dar conta dessa variedade, ainda há muito a ser feito, se pensarmos no âmbito da fala e da escrita no Português Brasileiro. Por essa razão, existem inúmeros recursos adotados pelos falantes para expressar o grau superlativo que não são tratados nas gramáticas normativas, como é o caso do emprego marcador ‘puta’.

Feltes e Borchert (2018), ressaltam que o marcador ‘puta’

[...] apesar do significado chulo e ofensivo, o qual costuma ser primeiramente lembrado, puta funciona como um intensificador, um “hiperbolizante” nas palavras de Houaiss et al. (2009), com sentido positivo. Podemos associar o uso de puta ao de baita, pois ambos são comumente combinados com substantivos, a fim de intensificá-los, seja em tamanho, em qualidade ou como algo muito bom. Por exemplo, um puta carro pode ser um carro grande, com todos os acessórios possíveis para o conforto, ou um carro de boa qualidade, caro, desejável. Quem tem uma puta casa provavelmente tem uma casa grande, confortável, dentre outros atributos que o falante possa atribuir à casa, normalmente positivos. (FELTES; BORCHERT, 2018, p. 3088)

A variedade de sentido que um vocábulo pode ter é compreensível do ponto de vista linguístico porque o léxico, por ser um componente linguístico, se transforma. Essas proliferações são objetos de estudo para linguistas, que buscam sempre compreender, investigar e explicitar essas constantes mudanças na língua sem atribuir juízo de valor ou manifestar preconceito com os termos, independentemente da designação que lhes são atribuídas.

As variações dentro de uma mesma língua ocorrem com frequência [...]. para um linguista não deve haver itens tabus, mas, do ponto de vista sociolinguístico, deve-se admitir que alguns deles indicam certo grau de informalidade, como já exposto. Assim, como pesquisadores da linguagem humana, cremos que deva haver um movimento em nossa cultura de combater o medo ao desconhecido, um esforço contra o preconceito e de saber adequar cada linguagem a determinados contextos. (ORSI, 2011, p. 340-341.)

Para haver a aceitação de termos como puta, por exemplo, é necessária a desmistificação do sentido pejorativo que os envolve, é necessário não os tomar na língua como proibidos, chulos ou como tabu. Essa é uma tarefa primordial para que possamos apreciar a riqueza da língua, e, além do mais, “não nos cumpre, como estudiosos da linguagem, um papel crítico ante esse fenômeno linguístico de natureza sociocultural e até psicológica. Ele está aí. Apenas devemos registrá-lo, incluí-lo em nossas pesquisas, estudar-lhe as origens e acompanhar-lhe o desenvolvimento (...)” (PRETI, 1984, p. 43).

Em suma, o marcador ‘puta’ não deve ser tomado apenas em seu sentido pejorativo, pois transita facilmente entre as classes do adjetivo e do advérbio, digamos, com naturalidade, porque ‘puta’ gramaticaliza-se em qualquer uma das classes supracitadas como expressão intensificadora. Além disso, o marcador ‘puta’ transita na classe das interjeições, como em: “Putaquepariu” que corresponde a uma expressão de espanto. Portanto, é preciso considerar que as palavras não possuem sentidos permanentemente estáveis.

3.2 De Substantivo e Adjetivo a Marcador: Algumas Considerações

Nesta subseção, a partir de conceitos e classificações de substantivo e adjetivo arrolados em gramáticas descritivas da Língua Portuguesa, tentamos demonstrar possíveis relações com a TOPE, mesmo sabendo que as gramáticas têm uma abordagem sistêmica e lógica da língua, o que as torna insuficientes para explicar o caráter variável desse marcador.

Começamos chamando a atenção para o fato de que a gramática descritiva, como já sabemos, organiza as palavras da língua em dez classes de palavras, também chamadas de classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. E essas classes ainda se subdividem em duas, as classes de palavras variáveis e as classes das palavras invariáveis.

As classes de palavras ditas variáveis são aquelas que se flexionam em gênero, número e grau, como é o caso dos substantivos e adjetivos; as que se flexionam em gênero e número, como no caso dos artigos e numerais; as que se flexionam em gênero, número e pessoa, como

é o caso dos pronomes; e os que se flexionam em modo, tempo, número, pessoa e voz, no caso dos verbos.

As classes de palavras ditas invariáveis são aquelas que não apresentam formas flexionadas, como é o caso dos advérbios, das preposições, das conjunções e das interjeições.

Porém, nosso interesse aqui limita-se às definições e funções do substantivo e do adjetivo, tomados pela gramática descritiva como classes de palavras variáveis, por essa razão, não delongamos, tampouco trouxemos listas de acepções, pelo contrário, as definições de substantivo e adjetivo foram coletados em um único manual didático destinado à Educação Básica (talvez, por conta da minha experiência como professora no ensino básico), pois acreditamos que, por esse material por ser muito utilizado estará mais acessível àqueles que, por ventura, se interessam/ interessarem mais sobre o assunto. De acordo com Cereja (2016), temos:

Substantivos: São palavras que nomeiam seres, qualidades, sentimentos e processos.

Adjetivos são palavras que caracterizam, delimitam e qualificam os seres.

Note-se que a acepção para substantivo e adjetivo trazida pelo manual supracitado apresenta visão estática adotada pelos estudos gramaticais tradicionais que prezam pelo conteúdo e pela regularidade das formas gramaticais.

Essas definições deixam de apresentar o mais significativo no estudo dessas noções: o estudo delas a partir de uma perspectiva enunciativa. Para o marcador ‘puta’, por exemplo, não é o bastante preferir que ora ele é substantivo ora é adjetivo, mas sim os desdobramentos desse marcador, que pode ser: “muito”, “prostituta”, “excelente”, “nossa!”, a depender das situações contextuais e dos empregos que o sujeito faz dele, porque a dinâmica da contextualização constrói os sentidos que melhor se adequem à situação que se pretende ilustrar. Nesse caso, os significados para o marcador ‘puta’ podem se configurar como o ressaltado de características muito boas ou muito ruins ou mesmo como marca de espanto/admiração, visto que o enunciador regula as ocorrências do eventual marcador e extrai do domínio nocional <ser puta> a ocorrência que melhor ilustre suas expectativas.

Para a Gramática Tradicional, conceitos etiquetados configuram-se heranças de línguas românicas, sobretudo. Possuem como princípio a estaticidade, ou seja, determinada unidade linguística é tomada como adjetivo ou substantivo exatamente por partir de ocorrências minimamente estáveis, homogeneizadas e repetíveis.

Na contramão a esse engavetamento, temos a TOPE ao apontar a questão de que o estudo estático é pouco produtivo para o estudo da linguagem. Segundo Rezende (2000, p. 12)

“no enfoque estático, a proposta de que a linguagem seja determinada e o conceito de sintaxe dela derivado separam léxico e gramática”. Logo, não é conveniente o estudo do “adjetivo” e do “substantivo” sem que haja a evidenciação do seu funcionamento com base em suas propriedades lexicais e gramaticais.

Na articulação entre léxico e gramática, busca-se o estudo da linguagem como indeterminada, dada a sua plasticidade, que permite aos sujeitos ampliar sentidos através dos conhecimentos empíricos, psicossociológicos e culturais que possuem no processo de construção de representações construídos em sua vivência de língua. A indeterminação da linguagem leva à construção da identidade das unidades linguísticas pelos sujeitos.

No ponto de vista enunciativo, há a oposição à sintaxe e gramática tomadas como espaço de regularidades, assim como também há oposição a léxico como singularidades, pois para essa perspectiva teórica léxico é um fator regulatório que introduz construções das quais propaga-se a instabilidade. Por essa razão, partimos das definições trazidas para substantivo e adjetivo para esclarecer que a TOPE não opera com categorias, com designações estáticas. Partimos das particularidades para chegar às generalizações, principalmente, porque nessa concepção a linguagem é tida como atividade que constrói significação. Portanto, não se admite a etiquetagem dentro da abordagem dinâmica trazida pela TOPE.

A abordagem dinâmica não preza pelo estudo com base em categorias gramaticais construídas; pelo contrário, com ela, busca-se questionar como determinadas unidades linguísticas adquirem, modificam ou estabilizam os sentidos, ou porque este e não aquele sentido, assim por diante. O foco de estudo em Culioli é a gramática de produção. Evidencie-se que é somente por meio das problematizações possíveis, com as manipulações dos dados, que se chega à invariância entendida como uma maneira de estudar as línguas de um ponto de vista que considera tanto as singularidades quanto as diversidades.

Entendemos a Gramática de Produção como o estudo da linguagem enquanto atividade questionadora da estabilidade das representações, considerando os sentidos compartilhados, procurando sempre investigar como os significados chegam a ser o que são, como se estabilizam. Isso por meio da relação dialógica, da interação verbal que possui como função regular as representações dos sujeitos que, na troca com o outro, acabam chegando a um consenso ou criando outros significados, levando, assim, a unidade a outros domínios nocionais além daqueles que a princípio se conhecia ou se deduzia.

O deslizamento entre o que é categoria e o que é nominalização, o que é uma qualificação e o que é tipificação está dentro daquilo que chamamos de adjetivo. Por questão

histórica, dentro da Linguística, ou mesmo por comodismo, tendemos em falar de adjetivo e substantivo, nomenclaturas que não nos dizem nada, dada a plasticidade e dinamismo da língua.

Por esse motivo, apoiamo-nos em Rezende (2014, p. 82), para mostrar que a reflexão linguística que tomamos por alicerce aponta uma maneira de suplantar uma polarização histórica. Toma-se, então, os estudos linguísticos dentro de um viés que leva em consideração a diversidade das línguas e os conhecimentos empíricos e experienciais dos sujeitos.

Na gramática tradicional, como afirma Rezende (2014):

a língua, por sua vez, é descrita como sistêmica e invariável. O conceito de língua/estrutura/sistema, como recorte que é, oferece uma posição mediana para se pensar as línguas e a linguagem. Em outras palavras, não há diálogo entre o todo (linguagem, pensada como um fenômeno complexo, psicossociológico, interdisciplinar) e a parte (a situação prática de interação verbal). A metodologia científica usada pelo estruturalismo é indutiva. (REZENDE, 2014, p. 83)

Opondo-se às categorizações e ao estudo linguístico estático está Culioli ao mostrar que a linguagem é sempre intermediada por marcadores, traços de operações que constroem relações e categorias gramaticais a partir do processo de ajustamentos da linguagem. Os marcadores não podem ser reduzidos a simples etiquetas, dada a variação e a invariação da linguagem, considerando os processos referenciais constituintes da linguagem: representação, referenciação e regulação.

Nesse caminho,

as marcas, enquanto traços de tais operações, não podem ser reduzidas a simples etiquetas, ou seja, a um único valor. Tudo depende da interação dos fatores locais (o contexto), os fatores globais, a situação, os fenômenos lexicais, entre outros, em torno de um núcleo invariante. Isso tudo permite-nos produzir um texto que é interpretado a partir das marcas as quais produzem operações na mente de outrem. As relações vêm das representações que construímos a partir de nossa experiência de mundo, de nossas representações, de nossas regulações em relação à alteridade. Assim, ao invés de dar uma gramática, a linha culioliana de pesquisa quer dar-nos as operações de colocar em relação (as invariantes). (GONÇALVES, 2008. p. 69)

Notamos por exemplo, ao dizer: “Maria é puta”, que, se pegássemos o marcador ‘puta’ sob o viés da gramática tradicional, teríamos <puta> como a qualidade de Maria; logo, teríamos um caso estabilizado de adjetivo pejorativo, de “Maria prostituta”. Ou, ainda, como trazem os dicionários, puta substantivo feminino, também estabilizado como valor pejorativo.

Considerando esse mesmo marcador de um ponto de vista enunciativo, este não é o único sentido estabilizado, pois, “as unidades lexicais não são indivíduos bem constituídos, mas ocorrências construídas por processos de individuação” (FRANCKEL, 2011, p. 29). Podemos ter “Maria é puta jogadora”, ocorrência que se estabiliza não mais como qualidade negativa,

pelo contrário, estabiliza-se como um “adjetivo” com estatuto de ótimo, de jogadora espetacular, em que ‘jogadora’ atinge o alto grau de jogadora. Isso é possibilitado pelas diferenciações trazidas pelo marcador ‘puta’. Ou ainda não se enquadrando em ser feminino, como, por exemplo, em: Um puta edifício. Nesse caso, o marcador ‘puta’ qualifica (também atinge o alto grau de edifício) e quantifica um determinado lugar como bom edifício, bem localizado, grande, espaçoso, único. Ressalte-se que, a partir dessas três ocorrências, puta pode corresponder a “prostituta”, “jogadora espetacular” e “bom edifício”, por essa razão, cremos que as acepções estáticas não têm razões de ser. Franckel concorda:

[...] uma unidade em si não se deixa caracterizar por um valor central que corresponderia a um objeto, uma situação, um fenômeno ou um estado de coisas do mundo ou uma experiência no mundo. O sentido das unidades não pode ser reduzido às propriedades de referentes aos quais elas supostamente remetem. (FRANCKEL, 2011, p. 52)

Note-se que na TOPE as nomenclaturas não têm sentido de existir, pois o foco são as operações fomentadas pelo emprego de um marcador que em situações enunciativas quebram paradigmas da gramática tradicional. O que a gramática tradicional ostenta como classe de palavras, a TOPE compreende como marcas aspectuais cujos sentidos e funções são mais densos e apreendidos a partir das regulações, experiências e empírico dos sujeitos.

Em suma, na TOPE, os sentidos de uma ocorrência do léxico são construídos na articulação das línguas com a linguagem. Como propõe Biasotto (2008, p. 50), o estudo da linguagem não se contenta com objetos prontos e acabados, pelo contrário segue uma direção em que o movimento possibilitado pela abstração arquiteta a caracterização pela construção e a desconstrução do objeto abstrato elevando-o ao nível de objeto teórico através dos textos, das categorias, operações e relações de manipulação e deformação.

Nosso estudo com o marcador ‘puta’ não tem como interesse categorizá-lo, como fazem as perspectivas estáticas da língua; pelo contrário, trabalhamos com a noção de categorização zero. Como confirma Culioli (1990):

O objetivo não é construir uma gramática universal, mas reconstruir, através de processos formais e teóricos, as noções primitivas, as operações elementares, regras e esquemas que geram categorias gramaticais e arranjos (“patterns”) específicos a cada língua. Em suma, o objetivo é encontrar as invariantes que fundamentam e regulam a atividade de linguagem em toda sua riqueza e complexidade. (CULIOLI, 1990, p. 180)²⁵

²⁵ No original: “The goal is not to construct a universal grammar, but to re-construct, by a theoretical and formal process, the primitive notions, elementary operations, rules and schemata which generate grammatical categories and *patterns* specific to each language. In short, the goal is to find invariants which to found and regulate language activity, in all its richness and complexity.” (CULIOLI, 1990, p. 180)

Os sentidos do marcador/unidade lexical aqui referido não estão dados. Nesse viés de estudo linguístico, os sentidos são construídos a partir das variações constitutivas da língua. A linguagem é sempre intermediada pelos marcadores, tidos como traços de operações que objetivam construir relações e categorias gramaticais a partir do processo de ajustamentos da linguagem. Os marcadores não podem ser entendidos como estáticos e constantes, pois os significados dos textos não se fecham jamais, permanecem abertos e inacabados.

Em síntese, para a TOPE não importa como os itens são categorizados. Isso não interfere na busca pela invariância, porém, é preciso esclarecer que é necessário levar em consideração o posicionamento do marcador no Sintagma Nominal (SN); dessa maneira, ainda que a categorização, por si só, não interfira na busca pela invariância, o fato de ela se encontrar vinculada às questões de posicionamento sintático não podem ser desconsiderados.

4 CONSTRUINDO A ANÁLISE

“A linguagem é, em si mesma, uma atividade de construção e de reconhecimento.”

(De Vogüé, 2011, p. 277)²⁶

Como já exposto, partimos das formas para formalizar a invariância da linguagem por meio do processo de construção do enunciado. Buscamos estudar não categorias, mas uma configuração já inscrita na linguagem, antes mesmo que o enunciado se materialize e assumo contorno. Nessa perspectiva, procuramos realizar uma atividade de individualização e distinção do marcador ‘puta’ de maneira singular, não cabendo neste estudo, ressaltar os motivos ou características que os acoplam a uma classe ou categoria.

Com efeito, o trabalho de análise dos dados aqui propostos não visa a paralisar as variações a fim de instaurar uma simetria. Pelo contrário, por meio das variações constitutivas do marcador ‘puta’ procuramos apreender o que especifica cada ocorrência. Como afirma De Vogüé:

o que nos interessa é o sentido construído pelos enunciados, nossa análise parte das formas linguísticas e apenas delas para considerar que o sentido aí elaborado não é um sentido dado de modo independente, mas, pelo contrário, é desconhecido e a ser descoberto, sendo necessário desvendá-lo. (DE VOGÜE, 2011, p. 278)²⁷

Propomos moldar os dados não de um ponto de vista formalista externo, tradicional, mas embasado por um viés de construção desse formalismo, de modo a observarmos as disparidades de construções em que se encontram esse marcador e alguns de seus sentidos possíveis e provisórios. Isso porque “são os dados em sua variação intrínseca que constituem o empírico do qual é preciso dar conta, sendo, portanto, este empírico que deve ser simultaneamente explorado, mensurado e explicado” (DE VOGÜE, 2011. p. 279).

Daremos início às análises que têm como intenção o redimensionamento do marcador que propomos estudar. De modo dinâmico, valendo-nos da plasticidade que perpassa o campo da linguagem, modalizamos e reorientamos o marcador, aproveitando a variação da linguagem que possibilita a instabilidade, para que, partir daí, seja estabelecido um jogo de “diferenciações que não tem fim” (DE VOGÜE. 2011, p. 280). A investigação parte do pressuposto de que as

²⁶No original: DE VOGÜÉ. *Les principes organisateurs de la variété des constructions*. Tradução de Márcia Romero e Helena Valentim. In: DE VOGÜÉ. *Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais*. *ReVEL*, 2011.

³⁰No original: DE VOGÜÉ. *Les principes organisateurs de la variété des constructions*. Tradução de Márcia Romero e Helena Valentim. In: DE VOGÜÉ. *Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais*. *ReVEL*, 2011.

formas trazem consigo uma pluralidade de sentidos e operações de linguagem, e que a linguagem, por si só, é uma atividade de reconstrução e reconhecimento.

O *corpus* da pesquisa é constituído por oito enunciados coletados do site *Corpus do Português* que continham o marcador ‘puta’, em função substantivo e adjetivo.

O método adotado tem como instrumento a própria atividade de metalinguagem, ou seja, a construção de um sistema de representação metalinguística em que os enunciados possam ser manipulados e colocados em relação com suas famílias parafrásticas por meio de operações de qualificação, quantificação, aspectualidade, modalidade, entre outras. Ressalvamos que a enunciação põe em jogo as relações entre a atividade de um sujeito enunciador e a léxis, e que a atividade de linguagem se realiza pela referenciação.

Como última consideração, também lembramos que, apesar de termos feito a análise com um marcador específico, estamos cientes de que os sentidos que são proliferados nos enunciados são instituídos pela interação entre os diferentes marcadores que se fazem presentes no mesmo e na relação intersubjetiva, que constituem, cada um, operações díspares. Cabe então esclarecermos que a análise do marcador ‘puta’ se dá dentro de enunciados, logo, nosso objeto de análise não é apenas o marcador, mas o enunciado em que o marcador se faça presente.

Apresentamos, a seguir, o primeiro enunciado em análise.

(1) Vi, bem quietinho bebendo com uma puta loira! — Você disse puta loira? — Não, loira puta.

Vejamos a partir desse enunciado as possíveis estabilizações de sentido que se colocam a partir do marcador ‘puta’ e que estabelece a invariância:

(1.a.) Te vi bem quietinho bebendo.

(1.b.) Te vi bem quietinho bebendo com uma puta loira!

Na paráfrase 1.a, notamos que a ausência do sintagma preposicional “com uma puta loira” focaliza o ato de beber, se embriagar (te vi bem quietinho “enchendo a cara, consumindo bebidas, sendo cachaceiro, etc.”). Ou seja, o enunciado (1.a) evidencia como intuição de conteúdo estabilizado a ideia de alguém que frequenta boteco, bares, alguém boêmio. Contudo, quando se introduz o sintagma preposicional “com uma puta loira” ocorre um deslocamento na produção dos sentidos do ato de beber em si para o “ato de beber acompanhado”.

Percebe-se que no enunciado (1.b) é focalizado e colocado em evidência o “estar acompanhado bebendo”, ou seja, o ato de se estar acompanhado só é possível porque se introduz “uma puta loira” ao conteúdo intuído como estabilizado, alterando-o. Logo, notamos que o

enunciado é ambíguo, pois, temos (1) ‘puta’ qualificado por “loira”, que, no caso, trata-se de uma puta, de uma prostituta, mulher da vida, e ela tem como característica ser loira; e temos também (2) “loira” utilizado como intensificador para o marcador ‘puta’, elevando a loira a uma categoria de super loira, um mulherão, de uma loira que é demais. Nesse caso, podemos ter paráfrases como: “Puxa, ele estava bebendo com uma puta loira, isso que é beber bem bebido.” ou “Aquilo que é beber, até eu beberia, ainda mais com uma loira daquela!”.

Ressalte-se que, dentro do enunciado (1), há três enunciados que se complementam e alteram o sentido da ocorrência. Caso o coenunciador não esteja ciente dessa alteração, o enunciador a introduz ajustando a representação do ponto de vista intrassubjetivo. Por essa razão, podemos ter um esquema A B A ou A B B (nesse último caso, o mesmo sujeito fala e corrige o que disse) e, de um certo modo, é “loira puta” que estabiliza a significação. Porém, ‘puta’ em ‘puta loira’ eleva essa ocorrência ‘loira’ ao alto grau da noção <ser loira>. É como se ela fosse o exemplar do que é ser loira e, por extensão, bonita, pois na cultura ocidental, a propriedade física <ser loira> pode estar no mesmo domínio de <ser bonita>.

Em síntese, o enunciado (1) revela as diferenciações qualitativas sobre ‘puta’ evidenciando que o marcador estabiliza a significação com o sentido pejorativo, mas, em certo momento, também o estabiliza como qualitativo hiperbólico, de modo que no momento em que o marcador ‘puta’ é colocado como qualitativo hiperbólico o mesmo atinge o alto grau da noção <ser puta> não sendo possíveis outras qualificações.

(2) Puta também vota, o senhor sabe. Pode não ser de qualidade, mas é voto.

Nesse enunciado, em princípio, temos a intuição de que não há uma relação determinista entre “alguém” e “fazer voto”. No entanto, quando “alguém é puta”, identificamos que ‘puta’ não é “alguém dentre outros” a quem se espera atribuir a propriedade de fazer voto. O marcador ‘puta’, por conta do Sintagma Preposicional “de qualidade”, traz a intuição de alguém que não tem instrução, porque age segundo seus interesses, porque é um voto de alguém visto à margem [da sociedade, dos valores morais, etc.].

A base predicativa encontra empecilhos para se predicar com a base argumental, bem como também ajusta a relação entre as bases. Esperava-se uma relação não determinista, porém se observa um determinismo, dado que ‘puta’ parece não se encontrar entre os “os outros” a quem se espera atribuir a predicação de “fazer voto”.

Isso coloca ‘puta’ (eleitor) em: ser “eleitor” (puta) relacionado a “eleitor” (outro que não é puta), ou seja, do ponto de vista da função social, ‘puta’ é um eleitor como qualquer outro; do ponto de vista do voto dado, há o que se questionar (o “de qualidade”, como vimos, faz com que o voto seja desqualificado), e é isso que a diferencia de cada um que ocupa o lugar de “eleitor”.

Nesse sentido, teríamos para ilustrar o domínio de eleitor que não vota com qualidade paráfrases como: “Puta só vota, porque o voto não é consciente,” Puta também vota, embora o voto não seja bom”. Ou seja, não se encontram em “puta” as propriedades esperadas para fazer voto; então dadas as circunstâncias do enunciado (2) e suas respectivas paráfrases, puta é aquela que faz algo que ninguém a quer fazendo, pois a existência de alguém que vota é impedida, encontra obstáculos quando se enuncia que o eleitor é puta. Embora o fato de puta fazer voto encontre-se inserido no enunciado, passando-nos a intuição de existência de voto, esse voto deixa de ser voto quando se conclui que o eleitor é puta.

(3) Eu briguei com meu povo e disse: “Se vocês não me deixarem em paz eu vou ser puta.” E eles estremeceram diante da minha ameaça.

Neste enunciado, é a condição colocada por “se” que determina a existência (ou não) de ‘puta’. Percebe-se que “se” modifica o sentido ser puta e ter paz, ou seja, “alguém com paz” não se torna puta, “alguém em paz” não é puta ou “alguém sem paz” se torna puta.

Isso coloca “alguém sem paz” (puta) em relação a “alguém com paz” (as outras pessoas), ou seja, do ponto de vista da função social, ‘puta’ é uma pessoa como qualquer outra; do ponto de vista da tranquilidade, há o que se questionar (o “se”, traz a ideia de que ser ou não tornar a ser puta é algo que interdepende de paz.). Daí decorre a possibilidade de paz determinada à invariância do marcador ‘puta.’

(4) Sapé só tem putas! Putas há em todo lugar.

O enunciado exposto passa a intuição de construção de determinismo trazido pelo marcador “só”, que expõe a ideia de que em Sapé somente há putas e pelo marcador “todo” que estabelece a intuição de existência de puta em outros lugares, além de Sapé.

Logo, se colocarmos em relação, notamos que é estabelecida uma diferenciação entre as mulheres de outros lugares (não putas) com as mulheres de Sapé (putas), de modo que “Sapé”

institui a invariância do marcador ‘puta’ tornando-o qualificado como pejorativo, pois, nesse caso, Sapé é tido como o lugar de puta, embora possa haver puta em outros lugares.

(5) Má sorte ter sido puta.

Vemos a partir desse enunciado que “má sorte” focaliza o evento ser azarado, sem sorte, logo, o enunciado (5) traz como intuição o conteúdo estabilizado de alguém que não teve muitas oportunidades na vida, alguém que convive com constante azar.

Nesse sentido, “má sorte” coloca em relação alguém com sorte (todo aquele que não é puta) e alguém sem sorte (todos aqueles que são putas). Portanto, o sujeito enunciativo ao inserir a qualificação “má sorte” ao marcador ‘puta’ o estabiliza.

A partir dessa estabilização, podemos ter:

(5.a.) Culpa do azar ter sido puta.

(5b.) Falta de sorte não ter deixado de ser puta.

Percebe-se que em todas as ocorrências (5, 5.a, 5.b) o marcador ‘puta’ se estabiliza por causa da articulação com “má sorte” que qualifica a ocorrência de puta como azar, azar demais, pois todo aquele que desfruta de sorte, a partir das intuições de sentidos proliferadas do enunciado, não é puta. O valor detrimental intuído através de “má sorte”, que vem do centro organizador do domínio de puta, é desfavorável ao evento “não ser puta”.

Em síntese, o enunciado 5 e suas paráfrases revelam as diferenciações qualitativas sobre ‘puta’, evidenciando que “má sorte” estabiliza a significação com o sentido pejorativo. E, também, a partir da marca aspectual, “ter sido”, apresentada na sequência enunciativa um evento já concretizado no passado. Ou seja, evidencia a intuição de existência de representação que na retomada está sendo reorientada, confirmando a intuição de existência de representação.

(6) Tito era um puta marido.

Vemos a partir desse enunciado que o marcador ‘puta’ atinge o alto grau, ou seja, o adjetivo marca o ponto em que “marido” já superou toda qualificação possível.

‘Puta’, aqui, é caracterizado como ‘verdadeiramente marido’, atingindo-se o alto grau, e nenhuma outra qualificação é mais viável. Não há mais como realizar considerações, comparações entre quaisquer outras ocorrências de ‘marido’, pois ‘puta’ o coloca numa posição

em que avaliações não são mais possíveis. Ficam superadas (bloqueadas), nesse caso, todas outras hipóteses de qualificação.

(7) É uma puta sacanagem.

Vemos nesse enunciado que o marcador ‘puta’ posiciona essa ocorrência de ‘sacanagem’ no centro do que seria o domínio nocional de <sacanagem>, levando-a a superar toda e qualquer qualificação que poderia existir. Prontamente, ‘sacanagem’, ao atingir o alto grau, não admite mais nenhuma qualificação que a conteste ou supere. Nesse caso, toda e qualquer qualificação é bloqueada, de modo que o marcador ‘puta’ determina o valor absoluto do termo sacanagem.

(8) Fico puta com os caras que dizem não ter tempo para ler.

Vejamos, nesse enunciado, as possíveis estabilizações de sentido que se colocam a partir do marcador ‘puta’:

(8.a.) Fico puta.

(8. b.) Fico puta com os caras que não leem.

Os enunciados (8a) e (8.b) revelam as diferenciações qualitativas sobre ‘puta’, evidenciando que o marcador estabiliza a significação com o sentido hiperbólico (muito brava).

O marcador ‘puta’ funcionando como intensificador apresenta todas as possibilidades de atributo de braveza.

Uma primeira conclusão:

Visando explicitar as possíveis estabilizações a que chegamos, trouxemos um breve esboço de leitura a partir das análises trazidas para o marcador ‘puta’ nos enunciados estudados e chegamos a:

As ocorrências do marcador ‘puta’ analisadas nos induzem a intuímos ou atribuímos que os sentidos de ‘puta’ relacionados à propriedade de mulher da vida têm em seu centro atrator ocorrências de ‘puta’ estabilizadas com a noção <prostituta>. Porém, o marcador ‘puta’ não necessariamente qualifica o sujeito a que ele se articula no enunciado.

Do ponto de vista das significações, o marcador ‘puta’ sobrevém em função predicativa e atribui sentidos estando posicionado tanto à direita quanto à esquerda. Logo, o marcador

‘puta’ permite a evocação de cenários, pois percebemos no desenrolar das análises que o marcador pode qualificar positiva ou negativamente outro marcador, a depender da posição que ocupa no enunciado, ou seja, quando anteposto ou posposto. Nesse modelo, são as possibilidades de articulação, as diferenciações ou as não-diferenciações que determinam sua estabilização de sentido.

A partir das análises, chegamos ao fato de que o marcador ‘puta’ adquire diferentes sentidos em função das circunstâncias em que a sequência interpretável (o texto) estabiliza. Desse modelo, a propriedade que o marcador ‘puta’ estabiliza é construída na enunciação, de acordo com as modalizações e regulações do sujeito enunciador em relação ao que está sendo qualificado, pois se fundamenta no enunciativo e não apenas no marcador. A identificação dos sentidos ocorre por meio das representações semânticas, das diferenciações que perpassam o marcador no texto em que se faz presente.

O estudo do marcador ‘puta’ aponta para dois caminhos distintos de estabilização:

- (i) O qualitativo pejorativo (determinista, portanto) que sempre carrega propriedades que remetem à prostituição e que se confirmam pela experiência de mundo e de língua dos sujeitos. Logicamente, a estabilização de sentido também depende do contexto cultural e das representações do sujeito enunciador. Os enunciados (2), (3), (4) e (5) seguem nesse caminho.
- (ii) O hiperbólico (não qualificador, portanto), que rompe com a ideia de que o adjetivo atribui qualidade. Isso se confirma quando observamos que nem toda ocorrência de ‘puta’ permite a diferenciação qualitativa, principalmente quando se eleva o termo localizado ao status de uma ocorrência próxima ou igual ao alto grau (valor absoluto ou central da noção) que ele, abstratamente, representa. É o caso dos enunciados: (1), (6), (7), (8).

5 ALGUMAS OCORRÊNCIAS E ALGUNS CONTEXTOS POSSÍVEIS PARA O MARCADOR ‘PUTA’: UM SEGUNDO MOMENTO PARA ANÁLISES

Cheia de graça é nossa língua portuguesa [...] Pode fazer coisas sem pé nem cabeça. Mas brincar com palavras também é coisa séria. (CARRASCOZA, 2008, p.112).

Trouxemos, nesta pequena seção, algumas ocorrências do marcador ‘puta’ em contextos distintos, nos quais a palavra puta se abre para outros sentidos que vão além das estabilizações alcançadas na manipulações trazidas na seção 3. O destaque ficou para a função de qualitativo que, por vezes, por meio das diferenciações realizadas pelos sujeitos se transforma em interjeição e torna-se *putz* (puta que pariu). Geralmente, presenciamos, a expressão *putz*, principalmente em contextos midiáticos das redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, por exemplo.

Vejam os alguns casos:

1. Como qualificador	Estou puta da vida com meu filho.
2. Como qualificador pejorativo no sentido de crueldade	Me sinto um filho da puta por ter deixado a Marta sozinha no hospital.
3. Como espanto/admiração	Puta que pariu ele passou no vestibular.
4. Como caracterizador de determinadas situações	É duro ser empregado dos outros! Oh puta de vida!
5. Variação da noção puta (<i>putz</i>) funcionando como qualificador que marca preocupação, arrependimento, admiração e julgamento sobre algo ou alguém	<i>Putz</i> , esqueci o trabalho de português!

No enunciado “Estou puta da vida com meu filho”, o marcador ‘puta’ está funcionando como qualificador que aproxima <ser puta> a <ser bravo (a)>, evocando sentidos de chateação, braveza ou irritação - não chateação qualquer, mas a ideia de chateação intensa. Nesse caso, o

enunciador traz uma situação de insatisfação com o próprio filho, provavelmente porque este tenha feito alguma coisa errada ou imprópria em dada situação.

A partir da organização das ocorrências da noção obtivemos os seguintes conceitos para o marcador ‘puta’.

➤ **Estou puta da vida com meu filho.**

Com esse enunciado, vislumbramos no interior do domínio nocional de puta: <estar muito bravo; estar muito raivoso; estar muito chateado>. Casos que em nada têm a ver com prostituição, mas apenas pontuam estados momentâneos na vida do enunciador devido a acontecimentos que o aborreceram em uma determinada situação.

Vislumbramos no exterior do domínio nocional de ‘puta’ as noções: <estar calmo; estar aplacado; estar satisfeito>, tudo aquilo que o enunciador não está, porque seu filho, provavelmente cometeu algo que fere as regras de convivência e relacionamento da família a que pertence. Na fronteira desse domínio, temos: <estar um pouco aborrecido>, o que constitui um fato, porém com restrições, um abrandamento em relação à amplitude do aborrecimento, porque o enunciador, por ser uma pessoa centrada, não quer que ninguém perceba sua falta de paciência naquele momento.

Teríamos para ilustrar o interior do domínio nocional de <puta> paráfrases como: “Estou muito brava com meu filho”, “Estou extremamente chateada com meu filho”, “Estou super chateada com meu filho”, “Estou uma fera com meu filho”, “Estou uma onça com meu filho.” Ilustrando o exterior teríamos paráfrases como: “Estou muito contente com meu filho,” “Estou muito calma com meu filho”, “Estou muito satisfeita com meu filho.” Na fronteira, poderíamos ter as seguintes paráfrases: “Estou meio aborrecida com meu filho”, “Estou um pouco chateada com meu filho.”

➤ **Me sinto um filho da puta por ter deixado a Marta sozinha no hospital.**

Nesse enunciado, puta evoca em seu domínio nocional ocorrências que permitem extrair as seguintes noções: <ser sacana; ser cruel; ser malvado; ser descuidado>. A partir dessas noções podemos intuir situações como: Alguém se sente mal (filho da puta) por ter deixado alguém sozinho no hospital, porém esse alguém hospitalizado mereceu porque é uma pessoa rabugenta, ofendeu seu acompanhante, ficava reclamando demais ou ainda alguém se sente mal

(filho da puta) por deixar alguém sozinho no hospital, porém não havia outra maneira, precisava ir trabalhar, ir ao banco, o hospital não admitia acompanhante, estava muito cansado., e assim por diante.

No exterior desse domínio temos “filho da puta” ser: <ser presente, ser atencioso; ser bondoso; ser cuidadoso>, fatos que contrapõem a ser “filho da puta”, abandonador, porque deixar alguém hospitalizado a mercê não é ser atencioso. Na fronteira podemos ter: <ser atencioso, porém ocupado; ser cuidadoso, porém cansado>, porque foi necessário deixar o paciente sozinho por alguns minutos ou por algum instante porque tem pavor em ver aplicar injeção, precisou ir ao banheiro, ir à lanchonete do hospital almoçar, porém voltou logo para o quarto, precisou dormir, por isso foi em casa.

Temos ilustrando interior do domínio da noção episódios como: “Me sinto péssimo por ter deixado a Marta sozinha no hospital”, “Me sinto irresponsável por ter deixado a Marta sozinha no hospital” ou ainda “Me sinto malvado por ter deixado a Marta sozinha no hospital”. No exterior, podemos ter: “Me sinto ótimo por ter deixado a Marta sozinha no hospital.” “Me sinto um benfeitor, bondoso por ter deixado a Marta Sozinha no hospital.” “Me sinto vingado por ter deixado a Marta sozinha no hospital.” Na fronteira desse domínio podemos ter ocorrências como: “Me sinto meio mal por ter deixado a Marta sozinha no hospital.” “Me sinto preocupado por ter deixado a Marta sozinha no hospital”, “Me sinto triste por ter deixado a Marta sozinha no hospital.”

➤ **Putá que pariu ele passou no vestibular.**

Nesse enunciado, podemos vislumbrar na noção <puta> os seguintes domínios nocionais: <ser puxa! ser nossa! ser caramba! ser sorte> porque Júnior ser aprovado no vestibular sem ao menos ter estudado, sem ler sobre o assunto da redação é algo muito difícil, se considerarmos a quantidade de pessoas que pagam cursinhos, de todos os tipos, estudam e se preparam. Daí o marcador ‘puta’, nesse contexto de ocorrência, apresentar-se como um indicador de admiração, surpresa, algo improvável.

Exterior a esse domínio temos puta: <ser coisa normal, ser comum, ser frequente> porque não é necessário estudar, são habituais aprovações em vestibulares sem necessidade de dedicação ou leitura. Acontecimento que vai à contramão do interior do domínio da noção, representando uma ideia oposta, contrária.

Na fronteira, podemos ter: <Ah, sério?> porque ao mesmo tempo que evidencia a surpresa do enunciador também demonstra dúvida do mesmo em relação ao acontecimento ser aprovado no vestibular.

➤ **É duro ser empregado dos outros! Oh puta de vida!**

No enunciado, temos inserido no interior do domínio nocional de puta noções como: <ser dificultosa; ser dureza; ser sacrifício> porque podemos inferir nesse texto ser necessário que o enunciador obedeça às regras e ordens no trabalho que desempenha, porque esse é o meio de ele obter o sustento da família, para receber um salário ao final do mês. Portanto, é necessário, fazer sacrifícios para conseguir lidar com situações adversas.

Exterior a esse domínio obtivemos puta: <ser facilidade; ser moleza> porque, nesse domínio, observamos oposição ao domínio interior, ou seja, aqui, podemos perceber que o sujeito enunciador acha que trabalhar é fácil, ser empregado, ter patrão, desempenhar uma função é tranquilo, não exige nenhum esforço. Temos na fronteira desse domínio as noções: <ser meio termo; ser meio a meio; ser mais ou menos> porque ser subordinado, depender de um trabalho, para o sujeito que enuncia, necessita esforço, força de vontade, contudo, não é necessário sacrificar-se exageradamente, há meios de facilitar as coisas, há sempre o chamado “jeitinho brasileiro”.

Podemos ilustrar o interior do domínio da noção <puta> por meio das seguintes paráfrases: “Como é complicado trabalhar para os outros. Oh vida difícil.” “Como é complicado a vida de subordinado.” “Como é sacrificante a vida de trabalhador.” Para ilustrar o exterior do domínio, podemos ter: “Vida boa é a vida de empregado”, “Como é bom ser empregado, não preciso me preocupar com a empresa, só com meu salário.” A fronteira pode ser ilustrada por: “Ser empregado não é bom, mas pelo menos dá lucro.” “Ser empregado tem lá suas vantagens, o dinheiro do salário cai na conta todo mês.”

Na ocorrência 5 (variação da noção puta “*putz*” funcionando como qualificador e como interjeição que marca preocupação, arrependimento, admiração e julgamento sobre algo ou alguém), não temos, necessariamente, ocorrências do marcador ‘puta’, mas uma variação do mesmo, tornando-se, ‘*putz*’, expressão muito utilizada por jovens, principalmente em redes sociais. Para ratificar nossa hipótese de ocorrência para o marcador *putz*, antes de trazer o enunciado para ilustrar nossa suposição, trouxemos duas definições para o marcador. Vejamos:

Putz: É uma palavra da gíria brasileira popularmente usada como **interjeição de espanto ou susto [...]** Muitas vezes, apenas o fato de ouvir alguém pronunciar “Putz!” denota que aconteceu algo inesperado, que causou espanto ou surpresa. São diversas situações nas quais se usa a interjeição *putz*. Além de espanto ou susto, também exprime impaciência ou desapontamento. ([HTTPS://www.significados.com.br/putz/](https://www.significados.com.br/putz/)).

Putz: Exclamação usada em situações adversas, susto, espanto. É também uma abreviação para “Putá que pariu”. Interjeição. (Dicionário informal.com.br)

Observamos que, por ser um instrumento, o dicionário, possibilita relacionar/conceber a língua e seus possíveis sentidos na sua relação histórica e social, uma vez que a constituição do léxico perpassa pelo social. O sujeito, por estar inserido no mundo da linguagem, usa-a para expressar, expor ideias ou concepções a respeito do que conhece ou daquilo que busca conhecer.

Dito isso, vamos ao enunciado com o marcador ‘*putz*’ e às interpretações que apreendemos dele.

No enunciado “*Putz*, esqueci o trabalho de português!”, notamos certa preocupação do sujeito enunciatador por ter se esquecido de fazer ou de trazer para entregar um trabalho valendo nota, talvez a nota do semestre ou bimestre, e ele teme ficar sem nota ou ficar com nota baixa, o que, de fato, poderia acarretar em uma possibilidade de reprovação.

Observando o funcionamento do marcador *putz*, notamos que essa variação do marcador ‘puta’, apresenta certa aproximação com as noções que se encontram no interior do domínio nocional do marcador ‘puta’, em: “Putá que pariu ele passou no vestibular”. Ela representa, de certa forma, a não aceitação de algo que está acontecendo.

As noções do interior do domínio expressam surpresa, no caso do enunciado: “Putá que pariu ele passou no vestibular”, porque foi algo inesperado, porém não se trata de algo ruim, ao contrário. Já no enunciado “*Putz*, esqueci o trabalho de português!”, observamos que o marcador “*putz*” demonstra também uma surpresa, mas uma surpresa desagradável, prejudicial. Se compararmos ao enunciado em que o sujeito é aprovado no vestibular, em “*Putz*, esqueci o trabalho de português!” o sujeito corre o risco de não ser aprovado em uma determinada disciplina, o oposto do outro caso. Além disso, a partir das paráfrases que elaboramos e das propriedades extraídas da noção <ser puta> assentadas no interior do domínio de puta no enunciado “*Putz*, esqueci o trabalho de português!” também vislumbramos o marcador “*putz*” funcionando como julgamento de alguém, de uma situação, indicando arrependimento e preocupação.

A partir das propriedades extraídas dos marcadores ‘puta’ e “putz” contidas nos enunciados que constituem o *corpus* dessa breve seção podemos chegar aos seguintes pontos: No enunciado “É duro ser empregado dos outros! Oh puta de vida”, o marcador ‘puta’ funciona como qualificador, no sentido de ruim, mau. A situação traz uma qualificação para um aspecto da vida do enunciador, no caso, a insatisfação com o trabalho.

A partir da apreciação do enunciado que comporta o marcador ‘putz’, aludimos para o fato de “putz” ser tomado apenas como uma variação do marcador ‘puta’. Talvez, para melhor aceitação pelas pessoas em contextos de socialização. O termo “putz” começou a ser utilizado para soar melhor aos ouvidos daqueles que estão participando do processo de interlocução ao ser proferido, como notamos na definição, trazida para “putz”.

Além disso, a variação “putz” se configura, segundo Bisognin (2009) como manifestação da fala na escrita, configurando-se como marcador conversacional, em especial nos contextos das redes sociais, os chamados neologismos²⁸ e “internetês”, que possibilitam a transformação da língua, já que a compreendemos na sua relação com a linguagem. Partindo disso, ressalta-se que as variações linguísticas dependem das modalizações e dos usos que os sujeitos fazem da língua e, portanto, não podem ser paralisadas. Citando De Vogüé (2011), as proliferações que se dão a partir do momento em que os sujeitos se apropriam da língua para enunciar já não podem mais ser controladas pelos enunciadores, restando apenas a eles investir no trabalho de regulação, através da atividade epilinguística. Ou seja, como vimos nesta seção, os sentidos variam, sempre na dependência do processo enunciativo e da experiência do sujeito que se significa na e pela articulação entre língua e linguagem.

²⁸ Palavras que vão sendo criadas de acordo com as necessidades comunicativas das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propomo-nos ao estudo do marcador ‘puta’ e da organização do seu domínio nocional e estabelecemos como horizonte ir além da categorização de substantivo e de adjetivo, como pensada pelas Gramáticas Tradicionais. Buscamos investigar os agenciamentos que levam o marcador ‘puta’ se estabilizar ou não os sentidos de dadas unidades por meio do jogo de diferenciações que constroem e estabilizam, mesmo que temporariamente, os sentidos em construções enunciativas de Língua Portuguesa.

A escolha do marcador deu-se em um momento em que, ainda, fortemente influenciados pela Semântica Lexical, pretendíamos estudar o fenômeno linguístico que esta toma por polissemia. Porém, ao termos contato com a TOPE, nossos objetivos passaram a ser outros, e começamos a investigar os agenciamentos que levam ‘puta’ de uma propriedade nominal pejorativa à uma propriedade qualitativa, ou vice-versa, dado que compreendemos que a polissemia do marcador ‘puta’ está no âmago desse trabalho.

A gramática e os estudos tradicionais não explicam tais ocorrências, pois nessas abordagens a linguagem é tomada como estática, em que os sentidos são pré-estabelecidos. Por essa razão, tomamos por embasamento teórico e metodológico uma abordagem construtivista, a TOPE, no intuito de investigar o valor do respectivo marcador em cada situação enunciativa, bem como o que determina a variação e estabilização dos sentidos deste marcador, mesmo que provisoriamente.

De imediato, observamos que o conceito de classes de palavras não é suficiente para explicitar as alterações de funções ou sentidos do marcador. O marcador ‘puta’ não pode ser colocado como pertencente de uma única classe, devido ao movimento significativo de valor pejorativo ou de hipervalorização sustentado pelas análises.

Assumindo esses pressupostos, as análises foram desenvolvidas a partir de enunciados que continham ocorrências do marcador ‘puta’ em sentido nominal (substantivo) ou com sentido qualitativo (adjetivo). Realizamos manipulações dos enunciados de partida que resultaram em glosas e paráfrases, atendendo aos objetivos de nossa pesquisa. Com esse trabalho de glosagem, houve o intento de explicitar pelo nível da enunciação, ou, até mesmo, pelo estilo contraditório da categorização gramatical acerca da classificação do marcador enquanto nome e qualificativo, os possíveis sentidos construídos pela nossa experiência de sujeito, bem como evidenciar a invariância que sustenta o domínio de ‘puta’ nos enunciados. Também pudemos ver o quão complexo é o estudo a partir das representações mentais por meio dos estudos da Teoria, uma vez que, os processos de representação, referenciação e regulação

são atrelados às experiências dos sujeitos, que as demonstram nas escolhas que geram o processo de enunciação.

As modalizações dos enunciados foram orientadas, em grande parte, por nosso ponto de vista. Como sabido, a assimilação dos mecanismos enunciativos propostos pela TOPE exige tempo de experimentação e observação das manipulações. Ainda assim, conseguimos chegar a algumas formalizações possibilitadas pelo trabalho de glosas. O trabalho de glosagem possibilitou que observássemos o funcionamento do marcador ‘puta’ e notássemos que os sentidos dos textos (enunciados) não são fixos, mas inconstantes. O marcador ‘puta’ não está atrelado a esse ou àquele sentido, embora alguns sentidos insistam em se apresentar de antemão no processo de estabilidade do marcador.

Notamos que o sujeito, por ser o parâmetro para a materialização do enunciado, posiciona-se em relação à enunciação origem para estabilizar um sentido para o marcador através do trabalho de “apropriação” da linguagem, como propõe Benveniste (2005). Mas, além dessa possibilidade, há outras, dada a subjetividade que perpassa o campo da linguagem.

Por meio da TOPE, a pesquisa dinâmica enunciativa do marcador ‘puta’ contribui para revelar a variação de sentidos empregados em vocábulos, principalmente naqueles de caráter ofensivo, outrora analisados. A variância, tal qual o sentido, deve-se à situação de enunciação. Dito isso, podemos expor que o marcador ‘puta’ funciona como alteridade, que abre caminho para outros sentidos possíveis, e, independentemente da variação que o marcador ‘puta’ sofra, o que observamos ao final desta análise é que sempre há um núcleo duro para ‘puta’ que ora se estabiliza enquanto propriedade com estatuto de ótimo, grande proporção, grande quantidade, espanto, admiração. Ou, como no caso da variação “*putz*”, estabiliza-se com valor pejorativo de prostituta ou de qualquer outra coisa de ruim, desagradável. Isso depende da intenção por trás do uso desse marcador, pois as palavras estão aí à disposição, prontas para serem usadas, e podem adquirir sentidos dependendo dos arranjos aos quais os sujeitos as submetem, nas novas relações que cria entre elas.

Resumindo, para a realização desse trabalho, partimos do conceito de linguagem entendido como revelador para a Semântica. Sob esse ponto de vista, a linguagem é compreendida como atividade constitutiva do homem, e essa constituição é instituída na articulação entre as línguas naturais e a linguagem. Na sequência, ao analisarmos o marcador ‘puta’, partimos da tese de que as unidades da língua, independentemente das categorizações que lhes são impostas, só adquirem sentidos nos textos por conta do sujeito tido como operatório, responsável pela transformação das unidades. Por essa razão, analisamos

enunciados que continham o marcador ‘puta’ para extrairmos/obtermos propriedades que explicassem o seu comportamento semântico-enunciativo para além das definições de substantivo e adjetivo.

Embasados por uma concepção dinâmica das línguas que coloca no bojo da análise regulações que admitem um conjunto de operações que subjazem a toda atividade linguagística, concebemos o marcador ‘puta’ como responsável e gerador de valores e também como localizador abstrato de um conteúdo predicativo em relação a uma dada situação enunciativa estabelecida no tempo e no espaço. A partir disso, chegamos à constatação de que o marcador ‘puta’ se abre para sentidos que vão além do qualificativo, o que se demonstrou pela análise do enunciado 1, no qual ‘puta’ que em vez de qualificar “loira” em “puta loira” redimensiona “loira” para o alto grau da noção <ser loira>. Bloqueia-se, assim, o caráter superficialmente determinista do que comumente se chama de adjetivo.

No mais, findamos este texto cientes das possibilidades de pesquisa não contempladas. Neste momento, esperamos que nossa pesquisa seja uma modesta inspiração a outras e que possa contribuir com aqueles que pretendem compartilhar conosco o privilégio de ser um pesquisador em TOPE, fazendo jus aos princípios propostos por esta belíssima teoria que aprendemos amar.

[...] Até aqui nos ajudou o *Senhor!*

I Samuel 7:12.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, C. B. S. *Operações enunciativas e valores referenciais: estudo da marca “apesar de”*. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2007.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Vol I. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral*. Vol II. Trad. de Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2006.
- BIASSOTO, M. *Para uma gramática da produção: análise da marca mesmo sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2012.
- BIASSOTO, M. *Para uma abordagem enunciativa no ensino de língua estrangeira: paráfrase e atividade epilingüística*. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2008.
- BÍBLIA SAGRADA. Português. *A Bíblia de promessas*. Velho Testamento e Novo Testamento. 10.e d. Revista e Corrigida. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo, SP: King's Cross Publicações, 2010.
- BISOGNIN, T.R. *Sem medo do internetês*. Porto alegre: Editora AGE, 2009.
- BRITO, Ana Maria. *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Fundação Universidade do Porto, 2010.
- CARRASCOZA, Joao Anzanello. *Revista nova escola*. São Paulo: Abril, 2008.
- CARROL, L. *Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CEREJA, Willian Roberto. VIANNA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. v. 2. São Paulo: Saraiva 2016.
- CULIOLI, A. et NORMAND, C. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys, 2005.
- CULIOLI, A. The concept of notional domain. In: CULIOLI, A. *Pour une linguistique del'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. p. 67-90. v. 1.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique del'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A . Representation, referential and regulation. In: CULIOLI. *A pour une linguistique de l' énonciation*. Paris: Orphys, 1999.

CULIOLI, A . *Pour une linguistique de l' énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

CULIOLI, A . *Pour une linguistique de l' énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

CULIOLI, A . *Pour une linguistique de l' énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.

CULIOLI, A . *Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli*. “Recherche em linguistique: theorie des operations enonciatives”. Paris: Departement de Recherches Linguistiques, Universite Paris VII, 1976.

CULIOLI, A. A propos d’opérations intervenant dans le traitement formel des langues naturelles. *Pour une linguistique de l' énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999 [1971].

CULIOLI, A. *Sur quelques contradictions en linguistique*. Pour une linguistique de l' énonciation: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999 [1973].

CUMPRI, M. L. A noção: entre o empírico e o formal. In: PRIA, A. D. et al. (Org.). *Linguagem e línguas: invariância e variação*. Campinas: SP. Pontes Editores, 2014.

CUMPRI, M. L . Algumas reflexões sobre léxico e gramática. In: *Entrepalavras*. n.1. vol.2. Fortaleza: CE.2012.p41-50.

DE VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração. In: VOGÜÉ, S. de; et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

DE VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Prefácio. In: VOGÜÉ, S. de; et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

DE VOGÜÉ. Les principes organisateurs de la variété des constructions. Tradução de Márcia Romero e Helena Valentim. In: DE VOGÜÉ. Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais. *ReVEL*, 2011.

FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes; BORCHERT, Marcielle. Construções superlativas do português brasileiro: tri [x], baita [x] e puta [x]. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 3072-3092, jul. 2018. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n2p3066/37026>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FERNANDES, Fernanda Surubi; SOUZA, Olímpia Maluf. De puta às profissionais do sexo: uma memória da língua. In: *Entreletras*, v. 4, n. 2. Araguaína/TO, 2013. p.58-71

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5 ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FINGER, Ingrid. A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista. In: FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Muller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

FLORES, Valdir. Posfácio. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCHI, C. *Criatividade e gramática*. São Paulo: CENP - Secretaria de Estado da Educação, 1991.

FRANCKEL, J. J, PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J. J, PAILLARD, D. Introdução. In: DE VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J. J, PAILLARD, D. Referência, referenciação e valores referenciais. In: DE VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FUCHS, C. O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.

FUZA, A. F. MENEGASSI, R. J. P.; OHUSCHI, M. C. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. In: *Linguagem & Ensino*. Pelotas, v. 14, n. 2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GONÇALVES, Paula de Souza. *A preposição "para" e o processo de construção referencial*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Trad. De Marilda W. Aveburg e Clarisse S.de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MEIRELLES, Cecília. *Viagem e vaga música*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982b.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em 25 de julho de 2019.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: *Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa* (Formação de professores EAD 18), v. 1. ed. 1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

PIZZINGA, Rodolfo Domenico. *Introdução e objetivo do estudo*. Disponível em: [HTTP://paxprofundis.org/livros/bulwerlytton.ttm&hl=ptbr](http://paxprofundis.org/livros/bulwerlytton.ttm&hl=ptbr). Acesso em:

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1984. 28

PRIA, Albano. D. *Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”*. 124 f. Doutorado (Tese em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2009.

PRIA, Albano. D. A atividade de tradução e a articulação da invariância com a variância. In: PRIA, A. D. et al. (Orgs.) *Linguagem e língua: invariância e variação*. Campinas: Pontes, 2014.

PRIA, Albano. D. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. In: PRIA, A. D. et al (Org.) *Linguagem escrita e tecnologia*. Campinas: Pontes, 2013.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

QUADROS, Ronice Muller de. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Muller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

REZENDE, L.M. (Org.) *Linguagem e línguas naturais: diversidade experiencial e linguística*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.

REZENDE, L.M. A indeterminação da linguagem: sintaxe e léxico. In: *Alfa*, São Paulo, n.34, 2000.

REZENDE, L.M. Variação e invariância na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. In: PriA, A. D. et al. (Org.) *Linguagem e língua: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014.

REZENDE, L.M. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. 320 f. Tese (Livre docência) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2000.

REZENDE, L.M. Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa. In: *Revista do GEL*, São José do Rio Preto, v.5, n.1, p.95-108, 2008.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. Epistemologia genética e a aquisição da linguagem. In: FINGER; QUADROS, Ronice Muller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

ROMERO-LOPES, M. C. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. In: *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

SAINTE-EXUPÉRY, Antoine. *O pequeno príncipe*. Edioro Publicações, 1966.

SANDMANN, A. J. O palavrão. *Letras*, Curitiba, n. 41-42, pp. 221-226, 1992-93.

SAUSSURE, F.de. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Fátima Grazielle de. *Estudo do marcador DE REPENTE sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*. 104 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres/MT, 2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

ULLMAN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

ZAVAGLIA, A. *Pequena introdução à teoria das operações enunciativas*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2016.